

Diário Popular

ANO XCVIII | SÃO PAULO

Domingo, 24 de outubro de 1982

BRASIL

Diário Popular

Runos de alta interpretação

Audiotório

JOSE DA VEIGA OLIVEIRA

Recital-deslumbramento: foi o que proporcionou o Mozarteum Brasileiro no Masp (8. IX.12.30), sob o título algo discursivo de "Expressionismo". Mas não nos percamos em digressões teóricas, porque o que interessa é a substância, o conteúdo. MARTHA HERR, soprano, acompanhada pelo soberbo pianista CAIO PAGANO, interpretou autores pós-românticos com finíssimo senso estilístico. Já se acenou à suficiência a altíssima capacidade canora da extraordinária artista norte-americana. Detentora duma voz de exemplar pureza e finura, atçapremada por dicção nunca menos do que ótima. Obvio que a excelatidade artística sempre resultou duma simbose de qualidades. E por acréscimo, os artistas brindaram-nos com raríssimas páginas. Quem conhece p. ex. "Nimmersatte Liebe" (24-11-1888) de Hugo Wolf, um dos "Mörliche-Lieder", pequeno "chef d'oeuvre", pleno de motivações amargas e sacásticas? "Morgen" ("Amanhã"), "Serenata" de Richard Strauss estabelecem relativa frequência em recitas de câmara. Miss Herr transmitiu o êxtase calmo da primeira, e a contida exultação da segunda. Em Mahler ("Um Mitternacht", "Ablösung im Sommer") tenho como não bem assumido, porque o poema de Rückert "À Meia-Noite" exige uma expansão dramática nos compassos finais que somente uma voz heróica e um acompanhamento sinfónico podem proporcionar. Aliás, é um típico "lied" orquestral. Miss Herr escolheu um três bem românticos Alban Berg ("Die Nachtigall", "Liebesode", "Sommerlied", das "Sete Canções Primelras"). Glauco Velasquez (1894-1914), compositor brasileiro escassamente sabido, compareceu com "Na capella" e "A fada negra" sobre poesias de Anthero de Quental. Páginas nas quais se casam um pessimismo lúgubre e trágico, o sentimento da solidão absoluta e uma harmonia cromática claramente apolada no "Tristan" de Wagner. Música talvez anódina, fatigante, que almeja desesperadamente significar algo, mas cujo ponto final é um só: — o tédio. E o que não sucede — por incrível que pareça! — com Arnold Schönberg, na fase pre-atonal/dodecafônica. Ou seja, quando ainda não mergulhara em prepotentes abstracionismos de escola. Miss Herr superou-se a si própria, cantando "Waldesnacht", "Mahnung", "Galathea". Esses três "Lieder" pertencem ao que de melhor gerou o pós-romantismo austro-germânico. As interpretações de Miss Herr e do prof. Pagano mostraram a que alturas pode subir a verdadeira arte do canto de câmara. Certifique-se todos quantos se omitiram à récita: perderam o que só muito raramente acontece! Que celestial beleza! Que prodígio! Ponto importante: os intérpretes forneceram o panfleto de esplêndidas traduções literais dos textos poéticos originais.

— É possível que "Audiotório" seja o primeiro a pontuar criticamente o génio violoncelístico do jovem ANTONIO MENESSES, quando estreou-se em SP na dupla fila de concertista/recitalista (Vd. "Jovens Valores do Arco", 16.IX.1979). O moço pernambucano, por seus méritos naturais e pelo implacável estudo na Alemanha, venceu os con-

ursos de Munique e Moscou. De retorno ao Rio, fez-se presente nesta Capital, juntamente com a Orquestra de Câmara de Moscou, na vigorosa e perfeita versão do Concerto em Dó Maior, de Haydn, conforme este crítico assinalou na transacta semana. A récita de câmara, promovida pela Sociedade de Cultura Artística (2.IX) com GILBERTO TINETTI ao piano, constituiu deslumbramento não menor. Para Beethoven a 1.ª parte... e que Beethoven! A Sonata n.º 4, em Dó Maior, op. 102 n.º 1, conclusa em agosto de 1816, na sua maneira rapsódica, lírica e dramática de extrema concentração estrutural, aproximase dum vasto Improvviso. Meneses e Tinetti traduziram ao pé da letra o espírito selvagem e visionário dessa obra estranha e perturbadora, seguindo-se-lhe a bem sabida Sonata n.º 3, em Lá Maior, op. 69 (1809), dum irresistível e nobre lirismo. Pena que os intérpretes escolhessem obra assim anémica, monótona como a Sonata em Dó Maior, op. 119 (1949) de Prokofiev, para concluir récita exemplar 99%, testemunhada por uma "capacity house" que não regeatou aplausos aos consagrados artistas brasileiros.

— A música instrumental de câmara demarcou egregias altitudes. Pela Cultura Artística, o Trio Borodin, constituído pelo violinista ROSTISLAV DUBINSKY, pianista LUBA EDLINA, violoncelista YULI TUROVSKY, assinau ponto pela primeira vez em SP. A impressão somente poderia ser uma: superlativa. O "stato" ficou demonstrado à plenitude. Assim, o Trio em Dó Maior, Hoboken XI:27, de Haydn, fluiu com a típica finura dum sarau na Esterháza, enquanto o Trio em Ré Menor, n.º 1, op. 49, de Mendelssohn, foi tocado com vigor e poesia. Ao centro, o formidável Trio n.º 2, em Mi Menor, op. 67, de Shostakovich, recebeu execução definitiva de brito, articulação, autoridade.

Menos de um mês após o concerto do Trio Borodin (31.VIII), outra gratificante estréia em SP: o Trio Arte (MARIA IRIS RADRIGAN, piano; SERGIO PRIETO, violino; EDGAR FISCHER, violoncelo), apresentado no Auditório da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, no Morumbi (18.IX). Integrado por professores do Instituto de Música da Universidade Católica de Chile, o Trio Arte possui categoria internacional, que de imediato o coloca entre os mais perfeitos da atualidade. Seus integrantes sentem-se visceralmente integrados e transportados pela força expressiva e dramática da música. Tocando com alma e sangue, o Trio desfaz imediatamente o falso conceito duma arte contrafeitamente monótona. Deixemos-nos de cotejos; porém o Trio chileno escolheu a mesma Opus 67 de Shostakovich, versada pelos Borodin. Pois bem: ambas "performances" pareceram-me legitimadas por seus valores interpretativos. Uma vale a outra. Houve também o Trio em Dó Maior, de Haydn, e o sempre eternamente romântico Trio em Si Bemol, op. 99, de Schubert. Extra-programa: o Scherzo do Trio n.º 2, em Dó menor, op. 66, de Mendelssohn. O Trio Arte, repetimos, é de alto gabarito estético. Urge promovê-lo de imediato, através as nossas sociedades de concerto. E a Fundação precisa cuidar da parte gráfica dos panfletos, os quais nem sequer ostentam os currículos biográficos dos apresentadores.

Aux Concerts de La Côte Salle comble pour le Trio Arte

Une salle comble ce mardi pour accueillir, à la Colombière, le Trio Arte, hôte des Jeunesses musicales de Nyon. Une soirée de qualité, comme nous y ont désormais habitués les dynamiques organisateurs des Concerts de La Côte.

Emmené par Edgar Fischer — qui fut le violoncelliste du regretté Trio Fischer et occupa, il y a quelques années, un pupitre à l'OCL — le Trio Arte s'est fondé à Santiago du Chili et se trouve actuellement en tournée en Suisse romande. Il faisait étape mardi soir, à Nyon, où il présentait un programme consacré à Schubert, Kodaly et Mendelssohn.

Schubert composa son op. 99 en 1826 ; c'est une œuvre aimable, non dépourvue de vigueur, poétique et agréable.

Musique

Les interprètes s'y engagèrent selon des voies un peu différentes, le violon — un peu brusque et rude — contrastant avec le piano entrepris avec une grande intelligence. Il fallut attendre le mouvement final pour voir converger les démarches des trois partenaires qui firent alors s'épanouir les belles modulations de ce Rondo. Le piano y brilla d'un éclat particulier, enjoué, léger, respectant toujours un équilibre discret, s'imposant avec une finesse infinie, une élégance du jeu, un élan expressif plein de vie et de poésie. Maria-Iris Radrigan s'imposa vraiment en partenaire d'une grâce lumineuse, sans émerger du discours de l'ensemble. Ce fut un moment particulièrement privilégié.

Sergio Prieto et Edgar Fischer abordèrent ensuite le Duo pour violon et violoncelle op. 7, de Zoltan Kodaly, partition hérissée de difficultés où surgissent,

comme à l'habitude, des thèmes créés dans le style et le caractère du folklore hongrois ; les interprètes y consacrèrent d'emblée un talent généreux, au lyrisme chaleureux et convaincant. Si l'écriture peut surprendre d'aucuns, elle ne recèle pas moins une somme d'inventions fort intéressantes et jamais la difficulté ne semble couvrir une quelconque carence de l'inspiration. Le duo, très à l'aise, en développa remarquablement les mélismes tendus, les débordements marqués d'accents incisifs, les apaisements ; son approche eut le grand mérite de dégager, avec beaucoup de vérité, la ligne puissante de l'œuvre, la rendant parfaitement intelligible et jamais entravée par les audaces de l'écriture.

De Mendelssohn enfin, le N° 2 de l'op. 66 retint toute l'attention du Trio Arte qui marqua son interprétation de vigoureux élans lyriques et d'une grande densité expressive. Le piano y fit encore merveille, fascinant et pourtant discret, il chanta dans l'Andante en contrepoint des cordes et s'abandonna en envolés brillants dans le Finale appassionato. Maria-Iris Radrigan ne serait-elle pas l'âme de ce Trio Arte dont, ce soir, nous avons découvert les qualités certaines d'enthousiasme et de probité, la sûreté technique et la musicalité, mais dont l'inspiration ne fut pas toujours aussi riche et féconde qu'on l'aurait espéré, marquée, peut-être, par une certaine fatigue ? Mais que d'émotion et de sensibilité lorsque les démarches s'unissent, que les talents se conjuguent, lorsque le Trio trouve son identité !

Pierre-Alain GRAU

JOURNAL DE NYON (SUIZA) Enero de 1983
SALA REPLETA PARA EL TRIO ARTE

"Una sala repleta este martes para acoger al TRIO ARTE..."

Una velada de calidad, como a las que estamos Ya acostumbrados en estos ciclos de conciertos.

...En el movimiento final del Trío op. 99 de Schubert convergieron plenamente los tres intérpretes que hicieron ensancharse las bellas modulaciones del Rondó. El piano brilló con esplendor particular, animado, liviano, respetando siempre un equilibrio discreto, imponiéndose con infinita fineza, una elegancia de toque y un impulso expresivo lleno de vida y de poesía. María Iris Radrigán se impuso verdaderamente como integrante llena de una gracia luminosa, sin emerger del discurso del conjunto. Fue un momento particularmente privilegiado ... Sergio Prieto y Edgar Fischer consagraron su talento generoso, de un lirismo caluroso y convincente al Dúo para violín y cello de Zoltan Kodaly ... el dúo muy a sus anchas, desarrolló notablemente los melismas tensos, los desbordamientos puntuados de acentos incisivos, los apaciguamientos; Su enfoque tuvo el gran mérito de soltar con mucha verdad la poderosa línea de la obra, haciéndola perfectamente inteligible y nunca entravada por la audacia de su escritura.

Finalmente en el Op. 66, N° 2 de Mendelssohn El TRIO ARTE marcó su interpretación con vigorosos impulsos líricos y con una gran densidad expresiva. Nuevamente el piano hizo maravillas, fascinante y sin embargo discreto, cantó en el Andante en contrapunto con las cuerdas, y se abandonó en brillantes vuelos en el Finale Appassionato... Cuanta emoción y cuanta sensibilidad cuando se unen las Intenciones, cuando se conjugan los talentos y cuando el Trío vuelca su identidad "

QUOTIDIANO INDIPENDENTE DEL MATTINO

DIREZIONE, REDAZIONE, AMMINISTRAZIONE: BOLZANO, Lungotevere San Daniele 28, Tel. 0471/455515 (5 linee urbane)
Cassa postale N. 432887 - Redazione di TRENTO, piazzetta Lodovico I, Telefono 0461/262000, Cassa postale N. 33

HA SUONATO A BOLZANO PER I CONCERTI DEL MATTINO

Trio Arte cileno piacevole sorpresa

Il complesso è particolarmente piaciuto nella esecuzione di un brano di A. Guarello, una ~~partitura~~ che echeggia modi di far musica alla Schoenberg - Vivissimi applausi

Uno dei più bei concerti della stagione di Bolzano è stato offerto dal Trio Arte di Santiago del Cile. I tre musicisti - Sergio Prieto (violino), Edgar Fisher (violoncello), Maria Iris Radrigan (pianoforte) - hanno proposto al pubblico dei Concerti del mattino un trio di Beethoven (op. 70 n. 1), il trio di Mendelssohn op. 66 n. 2 ed un trio loro dedicato, nel 1982 da A. Guarello.

È di quest'ultimo che vorremmo ora parlare. Abbiamo ritrovato in questa partitura un'aura schoenberghiana dalla quale ormai sono lontani i compositori contemporanei, e con questo non vogliamo parlare di una somiglianza strutturale bensì di una somiglianza di «nomenclatura», un'influenza sulla scrittura più che sul modo di scrivere. Le figure sonore e l'impiego strumentale, certe concezioni ritmiche ci hanno ricordato il linguaggio del Pierrot Lunaire o forse - ancora di più - i Trois Poèmes di Mallarmé di Ravel o le composizioni stravinskiane che risentivano la suggestione del linguaggio viennese.

L'esecuzione del Trio ha reso tutta la pregnanza di questa musica sfruttando con estrema forza espressiva le sospensioni e le riprese, accentuando l'evoluzione di una sensibilità post-romantica nei canoni del moderno linguaggio compositivo.

Il trio di Beethoven eseguito all'inizio, appartiene

all'opera 70, momento centrale nel complesso dei sei trii beethoveniani, caratterizzata in particolare dalla scorrevolezza del discorso più che dall'impegno espressivo. Basta pensare al carattere festoso del primo tempo che ritorna anche nel terzo tempo. Il secondo è caratterizzato da un andamento «largo assai»

che ricorda, per l'intima tristezza, una pagina della Sonata op. 10.

Il concerto si è concluso con il trio di Mendelssohn in Do minore op. 66. Reduce da una tournée in Brasile, Stati Uniti ed in Europa, questo trio è stato per noi una felicissima scoperta, che speriamo di risentire ancora. Anna Rastelli

CORRIERE DEL TICINO 27.1
(Lugano) 1983
Musica da camera negletta
nella Turrita

Concerti

Bellinzona

Un incantevole Trio cileno ma il pubblico era... spirito

Martedì scorso l'aula magna dell'ex Scuola di commercio di Bellinzona ha ospitato un concerto promosso dalla locale sezione della Gioventù musicale: ha suonato il Trio Arte dell'Università del Cile, formato dalla pianista Maria Iris Radrigan, dal violinista Sergio Prieto e dal violoncellista Edgar Fischer. Presenti a seguire il concerto una quindicina di persone, dir molto. Cose da non credere. Ci piacerebbe proprio sapere come si deve fare per smuovere il pubblico bellinzonese dall'apatia che lo assale quando gli vengono proposti degli appuntamenti di musica cameristica. Che si accorra in massa a sentire cori e orchestre nella chiesa di Sacro Cuore è molto bello, ma che nemmeno un terzo di queste persone si rechino a sentire un

concerto come quello dell'altra sera è un fatto - ci si scusi il gioco di parole - sconcertante. Peggio per chi è rimasto a casa, però. L'appuntamento con il Trio Arte è stato di quelli che non si dimenticano. I tre musicisti cileno hanno reso omaggio a un giovane compositore del loro paese, il trentenne Alejandro Guarello, eseguendo il suo Trio (scritto nel 1982). Quindi hanno interpretato due classici del repertorio cameristico, vale a dire il Trio in maggiore op. 70 no. 1, detto Trio degli spiriti di Beethoven e il Trio in do minore op. 66 di Mendelssohn. Maria Iris Radrigan, Sergio Prieto ed Edgar Fischer sono tre musicisti di razza. Indiscutibilmente dotati sotto il profilo tecnico, suonano con estremo slancio e vigore, dipingendo le opere che eseguono a tinte forti, in mezzo alle quali, però, non mancano le chiazze di colori tenui. Sorretti da un comune entusiasmo, fanno musica con piacere immenso, riuscendo a trasmettere quella loro carica anche agli spettatori. Martedì destinatari di questa «trasmissione» erano veramente pochi, ma il Trio Arte ha suonato comunque con l'impegno delle grandi occasioni. Bisogna sottolineare che per musicisti

op. 66 n. 2 ed un trio loro dedicato, nel 1982 da A. Guarello.

È di quest'ultimo che vorremmo ora parlare. Abbiamo ritrovato in questa partitura un'aura schoenberghiana dalla quale ormai sono lontani i compositori contemporanei, e con questo non vogliamo parlare di una somiglianza strutturale bensì di una somiglianza di «nomenclatura», un'influenza sulla scrittura più che sul modo di scrivere. Le figure sonore e l'impiego strumentale, certe concezioni ritmiche ci hanno ricordato il linguaggio del Pierrot Lunaire o forse — ancora di più — i Trois Poèmes da Mallarmé di Ravel o le composizioni stravinskiane che risentivano la suggestione del linguaggio viennese.

L'esecuzione del Trio ha reso tutta la pregnanza di questa musica sfruttando con estrema forza espressiva le sospensioni e le riprese, accentuando l'evoluzione di una sensibilità post-romantica nei canoni del moderno linguaggio compositivo.

Il trio di Beethoven eseguito all'inizio, appartiene

CORRIERE DEL TICINO 27.1
(Lugano) 1983
Musica da camera negletta
nella Turrta

Concerti

Bellinzona

Un incantevole Trio cileno ma il pubblico era... spirito

Martedì scorso l'aula magna dell'ex Scuola di commercio di Bellinzona ha ospitato un concerto promosso dalla locale sezione della Gioventù musicale: ha suonato il Trio Arte dell'Università del Cile, formato dalla pianista Maria Iris Radrigan, dal violinista Sergio Prieto e dal violoncellista Edgar Fischer. Presenti a seguire il concerto una quindicina di persone, a dir molto. Cose da non credere. Ci piacerebbe proprio sapere come si deve fare per smuovere il pubblico bellinzonese dall'apatia che lo assale quando gli vengono proposti degli appuntamenti di musica cameristica. Che si accorra in massa a sentire cori e orchestre nella chiesa del Sacro Cuore è molto bello, ma che nemmeno un terzo di queste persone si rechina a sentire un

concerto come quello dell'altra sera è un fatto che — ci si scusi il gioco di parole — sconcerta. Peggio per chi è rimasto a casa, però. L'appuntamento con il Trio Arte è stato di quelli che non si dimenticano. I tre musicisti cileni hanno reso omaggio a un giovane compositore del loro paese, il trentenne Alejandro Guarello, eseguendo il suo Trio (scritto nel 1982). Quindi hanno interpretato due classici del repertorio cameristico, vale a dire il Trio in re maggiore op. 70 no. 1, detto Trio degli spiriti di Beethoven e il Trio in do minore op. 66 di Mendelssohn. Maria Iris Radrigan, Sergio Prieto ed Edgar Fischer sono tre musicisti di razza. Indiscutibilmente dotati sotto il profilo tecnico, suonano con estremo slancio e vigore, dipingendo le opere che eseguono a tinte forti, in mezzo alle quali, però, non mancano le chiazze di colori tenui. Sorretti da un non comune entusiasmo, fanno musica con piacere immenso, riuscendo a trasmettere questa loro carica anche agli spettatori. Martedì i destinatari di questa «trasmissione» erano veramente pochi, ma il Trio Arte ha suonato comunque con l'impegno delle grandi occasioni. Bisogna sottolineare che per musicisti di questa levatura e sensibilità ogni concerto è una grande occasione. Difficile dire quale sia il più entusiasmante dei tre: per la struttura stessa dei trii con pianoforte, quest'ultimo strumento esce in maniera prorompente e Maria Iris Radrigan non si fa certo pregare per condurre la danza che talvolta, in Mendelssohn o nel brano dato come bis (un movimento da un'opera di Schostakovitch) si fa indiatolata. Non si pensi comunque che il violinista e il violoncellista seguano con il fiatone, anzi...

Un bellissimo concerto, con molti applausi e, ancora una volta, peccato per chi non c'era.

VICE

Appuntamenti musicali IL DOVERE (Bellinzona)

28.1.1983

Grande «Trio arte»

(R) Sembra veramente difficile convincere i pur non pochi melomani bellinzonesi, che in città possano esserci appuntamenti musicali di rilievo. Eppure il Trio Arte dell'Università Católica del Cile, che si è esibito alla Scuola media martedì scorso per il quarto concerto stagionale della Gioventù Musicale, nell'ambito di una tournée attraverso Stati Uniti ed Europa, presentava un biglietto da visita veramente alllettante.

In effetti le promesse sono state mantenute, anzi superate, forse, grazie ad un'intelligenza musicale di rara limpidezza. A partire dalla generosa e squisita linearità quasi vocale del vio-

loncellista Edgar Fischer, attraverso la superba bravura del violinista Sergio Prieto, fino alla magistrale eleganza tecnica della pianista Maria Iris Radrigán, i componenti del Trio Arte hanno dimostrato qualità individuali di tutto rispetto. Ma ciò che più conta è la capacità di fondere le tre parti in un unico, organico assieme, calibrato al millimetro in ogni parametro, così da permettere loro la massima libertà d'azione — interpretativamente intesa — quale se la potrebbe concedere un singolo solista e, al pari di un solista, di mantenere il più largo margine di spontaneità esecutiva.

Il Trio Arte ha affascinato scorrendo le impervie pagine dell'Op. 70 di Beethoven, dell'Op. 66 di Mendelssohn e, altra sorpresa, del Trio loro dedicato da Alejandro Guarello. Guarello, compositore cileno nato nel 1953, non è mai uscito dal proprio paese natale ed ha studiato esclusivamente con professori indigeni; eppure egli sembra aver già definitivamente evitato l'insidiosa trappola del nazionalismo estetico — o, peggio ancora del provincialismo — in cui l'America Latina, in quanto situata in posizione estrema rispetto ai centri culturali, dominanti in campo musicale, sembrava costretta, con parecchi decenni di ritardo sui paesi europei in analogia situazione, dai suoi primi maestri. La natura di Guarello ci è parsa onnivora, spregiudicata, ma soprattutto dotata di un certo è maturo senso per la sintassi musicale; ciò che gli consente di passare indenne attraverso le più svariate fonti d'ispirazione, il cui cangiare si fa elemento integrante di un discorso musicale unitario e coerente, recepicibile anche ai livelli più superficiali e immediati.

● CARNEVAA DI GOSS A LO-STALLO - Le manifestazioni si terranno sabato 5 febbraio. Questo il programma: 08, apertura del palaz-
zo scolastico; 12, pranzo a base di polenta e cervo; 13.30 tombola; dalle 16 alle 18 ballo e giochi per i bambini con premiazione delle migliori maschere; dalle 21 alle 04 di domenica festa danzante con premiazione delle maschere.

Ristorante REX
Bellinzona

Via S. Gottardo
Questa sera dalle ore 20.30

TOMBOLA

Ricchi premi oro - argento.
Org.: Ferrovieri Sportivi
Bellinzona.

GIORNALE DI BELLINZONA "IL DOVERE" 28 de Enero 1983

... El TRIO ARTE de la Universidad Católica de Chile presentó una tarjeta de visita verdaderamente alentadora a partir de la generosa y exquisita línea casi vocal del cellista Edgar Fischer, al través de la soberbia bravura del violinista Sergio Prieto, hasta la magistral elegancia técnica de la pianista Maria Iris Radrigán, los integrantes del TRIO ARTE demostraron cualidades individuales de todo tipo. Pero lo que más cuenta es la de refundir las tres partes en una única unidad orgánica, calibrada al milímetro a fin de que pueda cada uno tener la máxima libertad de acción — interpretativamente hablando ...

El TRIO ARTE fascinó recorriendo las páginas del Op. 70 de Beethoven, del Opp. 66 de Mendelssohn y, otra sorpresa, del Trio dedicado a ellos de Alejandro Guarello, compositor chileno... la naturaleza de la obra de Guarello nos pareció unitaria, desprejuiciada y, sobre todo, dotado de un cierto sentido maduro por su sintaxis musical, lo que le permite cruzar indemne las más variadas fuentes de inspiración...



Los integrantes del Trío Arte de la UC recorren Europa y Estados Unidos con gran éxito de crítica.

Trío Arte Realiza Extensa Gira por Europa y EE.UU.

■ María Iris Radrigán, Sergio Prieto y Edgar Fisher han cumplido buenas presentaciones, las cuales fueron comentadas por la prensa extranjera.

Una extensa gira, que abarca Europa y Estados Unidos, está realizando el Trío Arte de la Universidad Católica, una de las agrupaciones de cámara de mayor prestigio en nuestro medio. Integran el grupo el violinista Sergio Prieto, la pianista María Iris Radrigán y el cellista, Edgar Fisher.

Los músicos debutaron en Nueva York el 7 de enero, recibiendo elogios por parte de la prensa especializada. Luego, prosiguieron una serie de actuaciones en Alemania —Bonn, Munich y Würzburg— y en Suiza, lugar donde realizaron presentaciones en estaciones de radio y televisión. Además, había conversaciones en el país de los Alpes para grabar un disco para una empresa discográfica, en el cual se incluiría dos tríos de Beethoven, el Op. 11 y el conocido trío de los Espíritus.

En el mes pasado ellos mostraron su repertorio en varias salas de Francia. El grupo de cámara finaliza su gira el 16 de marzo en Estados Unidos, fecha en que se presentarán en la sede central de la Organización de Estados Americanos, en Washington.

PRENSA LOS ELOGIA

Un cronista del diario de Nyon, Suiza, señaló respecto a una de las presen-

taciones del conjunto chileno: "Una velada de calidad, como las que nos tienen habituados los organizadores... El piano tuvo un brillo propio, ligero, imponiendo una fineza infinita, con una elegancia de juego, un aliento expresivo lleno de vida y poesía. Prieto y Fischer con soltura desarrollaron un notable trabajo".

Por su parte, "Suisse" señaló hace dos semanas atrás, que "este conjunto que nos llega desde Santiago de Chile nos ejecutó una versión de categoría del "Trío Op. 99 de Schubert". He ahí tres artistas que tocan como para ellos mismos, sólo por el placer de tocar... La poderosa seducción del programa se debió a interpretaciones de una gran autenticidad, valiosas por su simplicidad sin énfasis...".

Un medio galo señaló: "La promesa de una reunión musical de relieve en virtud de una inteligencia musical de rara limpidez. Partiendo por la generosa y exquisita linealidad casi vocal del cellista, luego a través de la soberbia bravura del violín, para terminar con la magistral elegancia técnica de la pianista. Los componentes del Trío Arte demostraron calidad individual del más absoluto respeto, pero lo que importa es la capacidad de los tres miembros para fundirse en un conjunto único, orgánico, calibrado al milímetro".

The New York Times

—NEW YORK, SUNDAY, JANUARY 9, 1983—

\$1.25 beyond 50-mile zone fr

Copyright © 1983 The New York Times

THE NEW YORK TIMES, 9 de Enero de 1983
"... Sergio Prieto, violin, Edgar Fischer, cello
y María Iris Radrigán, piano, fueron no sólo
individualmente músicos sólidos con excelentes
técnicas, sino también supieron tocar en conjunto.
El Trío de los Espíritus de Beethoven y el Trío en
Do menor de Mendelssohn tuvieron una mezcla
satisfactoria de sentido romántico y de control
instrumental; y el Trío 1982 de Alejandro Guarelló
-con sus efectos sonoros dramáticos y resonantes-
fue interpretado con igual pasión.
El TRIO ARTE merece un público mucho
mayor del que puede contener esta hermosa
sala de Park Avenue ..."

BERNARD HOLLAND

Concert: Chile's Trio Arte

Once in a while, those of us accustomed to experiencing chamber music in concert halls are given the chance to follow the medium to its natural habitat. This was half the pleasure of hearing Chile's Trio Arte play Friday evening in the upstairs salon of the Center for Inter-American Relations on Park Avenue.

Matching this intimate and elegant setting were the people who performed in it. Sergio Prieto, violin; Edgar Fischer, cello, and Maria Iris Radrigan, piano, were not only solid individual musicians with excellent

techniques, they also knew how to play together. Beethoven's "Ghost" Trio and the Mendelssohn Trio in C minor had a satisfying mix of romantic feeling and instrumental control; and Alejandro Guarelló's Trio "1982" — with its busy dramatics and resonant sound effects — was played just as passionately.

The Trio Arte deserves a wider audience — wider than this lovely music room on Park Avenue could ever handle. Such are the ironies of progress in our time.

Bernard Holland

Friday

BROOKLYN PHILHARMONIC — Berlioz, Bartok, Brahms. Lukas Foss, conductor; Colin Carr, cello; Nadja Salerno-Sonnenberg. Brooklyn Academy of Music. At 8.

CHAMBER MUSIC SOCIETY OF LINCOLN CENTER — Same as Thur., but at Alice Tully Hall.

FRED FRITH and BOB OSTER- TAG — New music. PASS, 16 W. 22d St. At 8 and 11.

GUARNERI QUARTET — Schubert, Mendelssohn, Dvorak. Metropolitan Museum. At 8.

CALVIN HAMPTON — Organ-composer, with Al Regni and Friends. Chamber music. Calvary Episcopal Church, 21st St. and Park Ave. S. At midnight. Free.

LOVELY MUSIC UPTOWN — Same as Wed.

ALEXANDER MISCHIBOVSKY — Violin. Lincoln Center Public Library, Amsterdam Ave. at 64th St. At 4. Free.

NEW YORK PHILHARMONIC — Same as Thur., but at 2.

TRIO ARTE Beethoven, Alejandro Guarelló, Mendelssohn. Center for Inter-American Relations, 680 Park Ave. At 8.



17/III/83

Passion Play From Chile

Last night at the Organization of American States, the Arts Trio of the Catholic University of Chile put on a "passion play"—or display in a quartet of works that allowed them free rein to indulge their individual bravura and finesse, without subverting the cohesiveness of the ensemble.

The centerpiece of the concert was the Washington premiere of Chilean composer Alejandro Guerello's "Trio 1982," dedicated to the group. Scarcely 15 minutes long, it is rife with the sort of effects that not long ago would have singed the ears of all but the most seasoned devotees of contemporary music. Cellist **Edgar Fischer** switched from icy ponticellos (bowing near the bridge) to chaotic glissandos, to plucked vamps reminiscent of a jazz bassist; pianist **Maria Iris Radrigan** added abstract arpeggios and clusters to a brief section when she struck the strings inside the piano. Not merely a novelty for novelty's sake, the piece has tension, continuity and resolution.

The Arts Trio forged its identity in the opening Beethoven Trio in D, Op. 70, No. 1 ("Ghost") as it charged headlong into the syncopated first theme of the allegro, then waxed poetic in the largo, with Fischer and **Sergio Prieto** doubling the melody as Radrigan contributed eerie, spectral trills.

A last-minute program change—Mendelssohn's Trio No. 2 replacing Dvorak's "Dumky" Trio—reopened the passion floodgates with kinetic interplay between strings and piano that carried over into the encore, the first movement from Shostakovich's Trio No. 2, Op. 67.

—Charles McCardell

MUSIC / Jerry Floyd

The newly formed Arts Trio of the Catholic University of Chile made a successful Washington debut at the Organization of American States Wednesday night. But a work dedicated to the ensemble, Trio 1982, also premiering in Washington and written by Chilean Alejandro Guerello, was less memorable.

In fact the loudest applause from the large Hall of America's audience was for the concert's opener, Beethoven's "Ghost" Trio in D, Op. 70, No. 1, strikingly played by pianist Maria Iris Radrigan, cellist Edgar Fischer (who has appeared frequently in the United States) and violinist Sergio Prieto. The three also performed Mendelssohn's Trio in C minor, Op. 66 and an encore, the second movement from Shostakovich's Trio No. 2, Op. 75. Both of

Washington times. Marzo 18 - 1983

Mixed enthusiasm meets Chilean Arts Trio debut

the latter were acclaimed almost as much as the Beethoven selection.

But applause was only perfunctory following composer Guerello's 10-minute work. The new trio did open promisingly. It's very first note was plucked on the cello and restated by the piano; then the entire brief figure was repeated on both instruments before the violin began a short-lived bittersweet melody.

The music then quickly shifted into surging atonality with a particularly frenetic part for the piano. A slower section brought the piano back into focus as tone clusters were sounded by using a small ivory baton on the inside

keyboard strings. Radrigan's strumming in the piano's middle octaves created an eerie, vibratory effect that seemed related to the "Ghost" Trio's mysterious middle, Largo movement. And just as the "Ghost" trio closes with a Presto, Guerello's work gradually builds to a fast-paced though rather

abrupt climax.

As often happens when classics oriented audiences hear contemporary pieces, there was little enthusiasm for Trio 1982. But both the Mendelssohn selection and the Shostakovich were more appreciated, and the trio was asked to return for several bows for each work.

Given their ensemble capabilities, their burnished sound and their individual excellences, the Arts Trio should be brought back

THE WASHINGTON POST, 17 de Marzo de 1983
“... el **TRIO ARTE** de la Universidad Católica de Chile interpretó obras que les permitió dar rienda suelta a su individual bravura y “finesse” sin por ello disminuir la cohesión del conjunto. La obra central del concierto fue una primera audición en Washington del Trio 1982 del compositor chileno Alejandro Guarello, dedicado a este grupo. De solo 15 minutos de duración, es abundante en el tipo de efectos que no hace mucho habrían chamuscado los oídos de la mayoría...
No fue meramente una novedad por ser una novedad;
Esta obra tiene tensión, continuidad y resolución.

THE WASHINGTON TIMES, 18 de Marzo de 1983

“... capacidad como conjunto, sonoridad cálida, excelencias individuales... el **TRIO ARTE** debe volver a EE.UU...”

JERRY FLOYD

CHILE TAMBIEN 'PAGA' EN MATERIA DE MUSICA

— Formidable éxito en gira internacional del Trío "Arte" de la UC

EDGAR FISCHER: "La crítica de Nueva York es la más difícil del mundo, diría yo, y partimos con elogios del New York Times. Jamás me hubiera esperado un éxito tan grande como el que tuvimos. Nosotros mismos no nos explicábamos mucho el porqué"

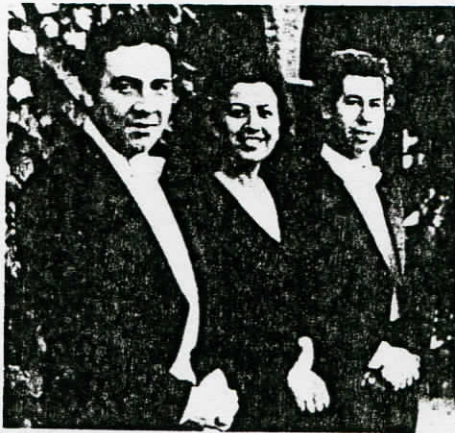
MARIA IRIS RADRIGAN: "La verdad es que hay conjuntos de gran valer que tocan en una sala importante y tienen la mala suerte de que no vaya ningún crítico. Siempre es bueno tocar es la misión que tenemos los músicos. Pero si no hay crítica, la actuación pasa desapercibida en un cincuenta por ciento"

SERGIO PRIETO: "También puede que el crítico vaya y escriba sus peores adjetivos" (Risas)

Ese no fue el caso del Trío "Arte" En su gira de dos meses y medio por Estados Unidos y Europa, cosechó aplausos de salas repletas y elogios en la prensa que explican el porqué de su éxito. Así, con su buen humor y vitalidad, con una buena dosis de modestia, el grupo de cámara se impuso por su calidad. María Iris señala que los tres ensayaron en cada momento libre y, tal como están acostumbrados, pusieron en cada actuación todo el empeño posible: "pero también tuvimos suerte de que fueran los críticos, y por lo que escribieron, parece que les gustó mucho"

La 'tourné' se inició el 4 de enero y los músicos volvieron al país el 18 de marzo. En ese lapso, el grupo de cámara actuó en Nueva York, en la sede de la OEA en Washington, en Londres y varias ciudades de Italia, Alemania, Suiza y Francia; también hicieron dos recitales por televisión y grabaron un disco en Suiza, firmando un contrato de exclusividad por tres años con la misma casa discográfica. El más que positivo balance incluye compromisos para realizar otra gira por Europa en 1983, y en Estados Unidos un agente se interesó para trabajar con ellos en ese país a partir de 1985.

La mayor gracia es que la gira se hizo 'a la chilena', a pulso. En el ambiente musical internacional se usa un sistema rígido en



Trío "Arte": Sergio Prieto, María Iris Radrigán y Edgar Fischer.

que cada conjunto tiene su representante y los conciertos se programan con años de anticipación. El trío se formó a principios de 1982 cuando coincidieron en su regreso al país, Prieto, que había sido por muchos años concertino de la Sinfónica de Basilea y profesor en la Academia Yehudi Menuhin, en Gstaad, Suiza; Edgar Fischer, también por años primer cello de la Suisse Romande y profesor del Conservatorio de Lausanne; y María Iris, profesora en la Escuela Superior de Música de Berlín. La gira tuvo el auspicio del Ministerio de Relaciones Exteriores, que les dio los pasajes. Pero los gastos de estadía y los traslados dentro de Europa, salieron de sus bolsillos. Una satisfacción extra para Prieto y Fischer es que a ambos les ofrecieron volver a los cargos que ocupaban anteriormente. Los conciertos fueron saliendo justamente gracias a los amigos que tenían de antes y a otros contactos que le había dado Juanita Subercaseaux, Directora del Instituto de Música, del cual depende el trío. Les ayudaron, por ejemplo, los pianistas Lionel Party en EE.UU., Andrea Bonati, en Italia y Malcolm Troup, en Londres; Efraín Paesky, de la OEA; el Dr. Gerhard Gold-

berg, de Hamburgo, y Kurt Wandel, también de Alemania Federal; Paz Subercaseaux, Agregado Cultural de la delegación chilena ante la ONU, en Ginebra; Lorenzo Prieto, Secretario de la Embajada en Londres; y muchos más.

"Sin agente es casi imposible organizar una gira en Europa. Tuvimos suerte y apoyo", cuentan los músicos. "Unos pocos nos recordaban individualmente, pero la mayoría no nos conocía como trío, no sabían con qué se iban a encontrar. La gracia es que pudimos mantenernos dos meses y medio. Por ejemplo, avisábamos que si fallaba un conjunto, estábamos disponibles. Y después la gente se nos acercaba al final de las actuaciones, y nos decía con sorpresa 'vienen de tan lejos, del confín del mundo, de donde termina el mapa, y tan buenos que son' "

Prieto cuenta que llegaron a Suiza e inmediatamente les 'cayó' un contrato de la Radio Televisión Suiza-Italiana. Se dieron el lujo de hacer un programa larguísimo con dos tríos completos, con las mejores condiciones técnicas y de grabación en video. "En Chile llevamos dos años trabajando, y nunca nadie se interesó por grabar con nosotros. Tampoco hemos sido llamados jamás para actuar en TV en nuestro país. Honestamente, pienso que —como se suele decir— Chile no sabe lo que tiene"

Otra vez el pago de Chile.

Un triunfador aparte

El joven compositor Alejandro Guarello, profesor jornada completa del Instituto de Música (como lo son asimismo los miembros del Trío "Arte"), alcanzó a terminar de componer una partitura que le había pedido especialmente el conjunto justo antes de la partida. Su Trío "1982" se estrenó mundialmente en Nueva York el 7 de enero ("una fecha que no se me va a olvidar así como así") y sacó un sonoro 'bravo' apenas terminada su ejecu-

de Italia, Alemania, Suiza y Francia; también hicieron dos recitales por televisión y grabaron un disco en Suiza, firmando un contrato de exclusividad por tres años con la misma casa discográfica. El más que positivo balance incluye compromisos para realizar otra gira por Europa en 1983, y en Estados Unidos un agente se interesó para trabajar con ellos en ese país a partir de 1985.

La mayor gracia es que la gira se hizo 'a la chilena' a pulso. En el ambiente musical internacional se usa un sistema rígido en

... y los traslados dentro de Europa, salieron de sus bolsillos. Una satisfacción extra para Prieto y Fischer es que a ambos les ofrecieron volver a los cargos que ocupaban anteriormente. Los conciertos fueron saliendo justamente gracias a los amigos que tenían de antes y a otros contactos que le había dado Juanita Subercaseaux, Directora del Instituto de Música, del cual depende el trío. Les ayudaron, por ejemplo, los pianistas Lionel Party en EE.UU., Andrea Bonati, en Italia y Malcolm Troup, en Londres; Efraín Paesky, de la OEA; el Dr. Gerhard Gold-

Un triunfador aparte

El joven compositor Alejandro Guarello, profesor jornada completa del Instituto de Música (como lo son asimismo los miembros del Trío "Arte"), alcanzó a terminar de componer una partitura que le había pedido especialmente el conjunto justo antes de la partida. Su Trío "1982" se estrenó mundialmente en Nueva York el 7 de enero ("una fecha que no se me va a olvidar así como así") y sacó un sonoro 'bravo' apenas terminada su ejecución. La obra de Guarello figuró en la mayoría de los programas que interpretó el Trío "Arte" en su gira, obteniendo de la crítica adjetivos calurosos.

"Los compositores chilenos estamos acostumbrados a que nuestras obras se toquen una vez en público y después se entierren. Y eso, si llegan a ser estrenadas" afirma el creador que en 1982 ganara un segundo premio en el Concurso de Composición Musical de la UC. "Pero ser estrenado en el extranjero y escuchado en repetidas ocasiones, y más encima elogiado, es un privilegio del cual no sé si soy merecedor o no"

Claro que es merecedor. Los músicos chilenos son modestos. La prueba está en las críticas internacionales y en que varios conjuntos le pidieran al Trío "Arte" las partituras. Hacía mucho tiempo que no sonaba fuera de nuestras fronteras —y todavía tan bien— un compositor nacional. El Trío "1982" será estrenado en el país en la primera actuación programada del Trío "Arte" el 4 de mayo, segunda fecha del Ciclo de Conciertos en el Aula Magna M.J. Irarrázabal.

14

He aquí algunos juicios críticos.

"Sergio Prieto, violín; Edgar Fischer, violonchelo, y María Iris Radrigán, piano, no sólo fueron individualmente músicos sólidos con excelentes técnicas, sino que también saben cómo tocar en conjunto. El Trío "Arte" merece un público mucho, mucho más grande del que puede contener esta hermosa sala de Park Avenue" (Bernard Holland, New York Times).
"Una velada de calidad... M. Iris Radrigán se impuso verdaderamente como integrante llena de una gracia luminosa, sin emerger del discurso del conjunto. Fue un momento particularmente privilegiado... Prieto y Fischer consagraron su talento generoso, de un lirismo caluroso y convincente... Cuánta emoción y sensibilidad cuando se unen las intenciones, se conjugan los talentos y el Trío "Arte" vuelca su identidad..." (Journal de Nyon, Suiza).

"Partiendo por la generosa y exquisita línea casi vocal del cellista Edgar Fischer, pasando por la soberbia bravura del violinista Sergio Prieto, hasta la magistral elegancia técnica de la pianista M. Iris Radrigán, los integrantes del Trío "Arte" demostraron cualidades individuales de todo tipo. Pero lo que más

cuenta es la de refundir las tres partes en una unidad orgánica, calibrada al milímetro, a fin de que pueda tener cada uno la máxima libertad de acción, interpretativamente hablando..." (Diario El Deber, de Bellinzona, Italia).
"Estos tres artistas tocan como para ellos mismos, por el solo goce, y con la libertad y la naturalidad que sólo un conjunto popular podría entregar. Es este factor el que produce, en buena medida, la poderosa seducción de su programa..." (La Suisse).

"El Trío "Arte" forjó su identidad al iniciar el concierto con el Trío de los Espíritus de Mendelssohn... El conjunto interpretó obras que le permitió dar rienda suelta a su bravura individual y 'finesse', sin por ello disminuir su cohesión como equipo..." (Charles Mac Cardell, Washington Post).

"Si esta crítica parece pobre se debe a que el redactor no posee un vocabulario lo suficientemente extenso para calificar como se lo merece un conjunto como éste. Fue un momento musical de una rara belleza" (Le Journal du Jura, Biel).

PEDRO DAZA V., Embajador de Chile ante la OEA, envió una carta al Rector Jorge Swett para felicitarlo efusivamente por la excelente presentación del Trío "Arte" de la UC en el Salón de las Américas de la Organización de los Estados Americanos, en Washington, el 16 de marzo.

Al comunicado se adjuntan fotocopias de las elogiosas críticas obtenidas por el recital, y se agrega que "no es común que en la prensa norteamericana y en un público tan selecto y que tiene tantas oportunidades para escuchar a buenos intérpretes, se destaque en forma tan magnífica a un conjunto chileno"

La carta señala en su acápite principal: "El brillante concierto que ofreció el Trío "Arte" fue motivo de especial orgullo no sólo para la Delegación de Chile ante la O.E.A. y el Ministerio de Relaciones Exteriores, quienes patrocinaron el evento, sino que también y en forma muy especial para la Universidad Católica de Chile"



Después de dos meses y medio de éxitos en EE.UU. y Europa, el Trío "Arte" de la Universidad Católica, vuelve a pisar suelo chileno.



*The Ambassador, Permanent Representative
of Chile*

*to the Organization of American States
and Mrs. Daza*

and

The Secretary General

*of the Organization of American States
and Mrs. Orfila*

*request the pleasure of your company
at a concert by the*

ARTS TRIO OF THE CATHOLIC UNIVERSITY OF CHILE

on Wednesday evening, March the sixteenth

at eight-thirty o'clock

Hall of the Americas

Organization of American States Building

17th Street and Constitution Avenue

Free and open to the public

Profilierte Interpreten aus Chile

BONN. Im Festsaal der Universität gastierte das Trio-Arte der Katholischen Universität Santiago de Chile mit Maria Iris Radrigan (Klavier), Sergio Prieto (Violine) und Edgar Fischer (Violoncello). Die drei chilenischen Künstler, die ihr Instrumentalstudium abschließend in europäischen Musikzentren vervollkommneten, präsentierten sich als ein ausgezeichnet aufeinander abgestimmtes Kammermusikensemble mit drei gewichtigen Werken des Repertoires: Beethovens Opus 70, Nr. 1 (das seinen weder originalen noch angemessenen Beinamen „Geistertrio“ wohl nie loswerden wird), Mendelssohns c-Moll-Trio und dem 2. Trio (op. 67) von Schostakowitsch.

Die profilierte und einfühlsame Stilempfinden beweisende Interpretation gründete sich auf offensichtlich sorgfältige Vorbereitung und hielt insgesamt ein hohes Niveau. Demgegenüber fallen vereinzelte Verschiebungen der Klangbalance zuungunsten der tiefen Lagen oder ein gelegentliches „Übersteuern“ dynamischer Steigerungen nicht so sehr ins Gewicht. Auf's Ganze gesehen bewies das Trio-Arte mit diesem sinnvollen Konzert den beachtlichen Stand musikalischer Interpretationskultur in seinem Heimatland.

Musik

TRIO ARTE

Das trotz seines verhältnismässig kurzen Bestehens bereits in das Alter der Volljährigkeit getretene, nun auch in Europa gefeierte "Trio Arte" bestritt den zweiten Abend des vom Musikinstitut der "U.C." veranstalteten Zyklus. Das vorgetragene Programm verband bereits bekanntes mit der chilenischen Erstaufführung des den Ausführenden gewidmeten "Trio 1982" unseres Musikers Alejandro Guarello. Der Autor, zweifellos zählt er zu den Begabtesten unter den auf seinem Gebiet wirkenden, spart in dem einsätzigen Stück nicht an Einfällen. Ohne, wie es heute meist gegeben ist, sich irgendwelchen "Ismen" voll zu verpflichten, schrieb er eine Partitur, die langsam und spannungsvoll beginnend bei wiederholtem Tempowechsel ins erregend Ungestüme übergeht, Verständnis für thematische Verarbeitung zeigt und, ohne mit Einfällen und gewinnenden Klangkombinationen zu geizen, auch von den Darbietenden, vor allem vom Klavierpart, äusserste Anteilnahme verlangt. Die hervorragende Aufführung trug auch hier zu dem ausserordentlichen Erfolg der Komposition bei, den sie schon anlässlich ihrer Wiedergabe auf der Auslandstournee erringen konnte.

Beethovens "Trio Op. II in B Dur" eröffnete das Programm. Das Werk ursprünglich für Klarinette, Cello und Klavier gesetzt, aber vom Komponisten selbst auch für die hier gebotene Besetzung vorgesehen, lässt die Originalfassung nie ganz vergessen. Es erstand in einer lebensvollen, im Hinblick auf Intensität und Wahrung feinsten Temporückungen differenzierten Ausgestaltung. Das c-Moll von Mendelssohn gehört zu den Glanzpunkten im Repertoire der Ausführenden. Tadellose Ausarbeitung im Kleinen wie in der grossen Linie, Sicherheit in der Auffassung des leidenschaftlich gezeichneten Kopfsatzes, des verträumten langsamen, des elfenhaft hineilenden Scherzos und beschwingten Finales, liessen dem Werk eine verdient dankbare Aufnahme erfahren, an welcher die Zusammenwirkenden, Sergio Prieto, Edgar Fischer, Maria Iris Radrigan gleicherart beteiligt waren. Trotz einer gerissenen Cellosaite und der fehlenden Unterstützung beim Umblättern am Flügel, ein in jeder Hinsicht gelungener Abend.

erst

*Quintete
de Respizetti*

*Das den
zweiten
Teil die
deude
"Trio Op. II
in C Moll"*

Paula
1983

música



CONTINUA REALIZANDOSE el Ciclo Integral de Música de Cámara en la Sala Claudio Arrau del Teatro Municipal, el que comprende las **obras de Johannes Brahms**, interpretadas por destacados músicos nacionales. El programa para el 24 de octubre comprende la Sonata para violín y piano Op. 100 en La Mayor, el Quinteto para cuerdas Op. 88 en Fa Mayor y el Cuarteto para piano Op. 60 en Do Menor. Para el lunes 31 está programada la presentación del **Trio Arte**, primero con una sonata para cello y piano y luego con estos mismos instrumentos, además del violín.

Crítica de música

El Trío Arte de Chile

El Trío Arte de la Universidad Católica de Chile que integran Sergio Prieto (violín), Edgar Fischer (cello) y María Iris Radrigan (piano), tuvo a su cargo el Sexto Concierto de Abono de la Sociedad Filarmónica de Lima.

Las obras que ejecutaron, cuyo común denominador podríamos llamar "placer del arte de la música", fueron el Trío en Si bemol mayor, op. 11, de Ludwig van Beethoven; el Trío "1982", del chileno Alejandro Guarello y dedicado al conjunto; y el Trío en Si bemol mayor, op. 99, de Franz Schubert.

Tratándose de los "clásicos", ninguna de las páginas es, espiritualmente, característica de su autor: en la primera, (cuya concepción original incluye un clarinete en lugar del violín y es, dicho sea de paso, la que se prefiere en nuestros días), escuchamos a un Beethoven desenfadado, cantando con brío y virtuosismo, imaginativo y juguetón.

Y de Schubert, para nuestra íntima alegría y consuelo, un torrente de vida de fuerza y de

amor inextinguibles, que brota en medio del desolado abismo a un año de su muerte.

Todo ésto, bien entendido por los intérpretes, fue vertido con gran ánimo, sonido pleno, fraseo pulcro y vibrante musicalidad.

Sin embargo, es en la creación moderna y pensada para ellos que, como Trío, mostraran más arraigada cohesión: sin ser la partitura reveladora en cuanto a técnicas modernas de composición, obligaba a los ejecutantes a una meta común: efecto ambiental (...más que eso parece que no pretendía la obra), que lograron amalgamando con precisión el potencial sonoro de sus instrumentos.

Cada uno de los músicos reveló alta calidad profesional, notable dominio técnico e interpretativo, y temperamento expansivo, gracias al cual la comunicación con los oyentes fluyó de manera espontánea e inmediata.

Al finalizar el concierto fueron objeto de nutridos aplausos, que retribuyeron con el Rondó a la húngara del Trío de Haydn, que contemplara el programa inicialmente. U.S.

Ces neuf airs nous donnent une idée de ce qu'aurait pu faire Handel dans le genre de la cantate sacrée si brillamment illustré par Bach, s'il s'y était illustré. Leurs textes sont empruntés à un recueil de B. H. Brockes, paru en 1724 et dont le thème général est l'adoration de Dieu à travers les beautés de la nature: un thème assez curieusement rousseauiste donc, dont l'expression poétique préfigure certains des poèmes que mettra en musique Schubert un siècle plus tard. La musique cependant n'a rien de pré-romantique, et l'on est loin encore de cette *Empfindsamkeit* qui se répandra vers 1750. C'est bien à du pur Handel — et du meilleur — que l'on a affaire ici, encore que moins «italianisé» qu'à l'ordinaire. Ces airs sont d'un sentiment calme et serein comme le réclament les poèmes, avec un dialogue habilement conduit entre la voix et le violon concertant sur le fond stable du *continuo*. Celui-ci se diversifie entre le clavecin et l'orgue (positif), ce qui ajoute à l'agrément de l'écoute: on appréciera particulièrement la belle sonorité de l'orgue, non mentionné sur la pochette. Elisabeth Speiser ne chante pas précisément selon le style «à l'ancienne», mais sa prestation n'en apparaît pas moins excellente de finesse et d'intelligence. Et on en dira autant des trois instrumentistes, qui jouent, eux, sur instruments anciens. Prise de son et gravure parfaites.

J. V.

J.S. Bach: L'Art de la fugue — canons divers, par l'ensemble Musica Antiqua de Cologne (Archiv 413 728-1, deux disques en coffret)

On aurait facilement tendance à voir dans *L'Art de la fugue*, le testament artistique de Bach, une œuvre abstraite, cérébrale et austère plus pensée pour l'esprit que conçue pour l'oreille. Certaines versions antérieures semblent avoir recherché un tel éclairage en cultivant un dépouillement assez hiératique: rien de tel ici, car les remarquables musiciens de l'ensemble «Musica Antiqua» ne changent rien à leur style d'exécution habituel, celui qu'ils appliquent aux sonates ou concerts baroques. Avec eux *L'Art de la fugue* redevient à cent pour cent de la «musique instrumentale baroque», ce qui implique des

tempi sensiblement plus vifs qu'à l'accoutumée, des phrasés légers et incisifs ainsi que l'adjonction de quelques ornements *ad libitum*: une telle approche, défendue avec brio, n'est point pour nous déplaire, bien au contraire; elle humanise en quelque sorte une musique que d'aucuns jugent — à tort — trop didactique, et confère aux contrepoints une fluidité et un relief plastique fort convaincants. L'instrumentation fait alterner les cordes seules, le ou les clavecin(s) seul(s) et la réunion des cordes et du clavecin, la partie grave étant alors traitée en *continuo* et étouffée d'une réalisation au clavier (on pourrait contester cette dernière solution, car au XVIII^e siècle la musique de chambre avec *continuo* ne revêt pas en général l'aspect d'une polyphonie fuguée à quatre voix, mais il est vrai qu'on a affaire à une œuvre d'exception). Quant aux canons divers figurant sur la quatrième face, ce sont de brefs morceaux parfois curieusement «répétitifs»; quatorze d'entre eux, découverts en 1975, sont construits sur la base des *Variations Goldberg*. Excellente réalisation technique.

J. V.

Beethoven: Trios op. 11 et op. 70 No 1 («des esprits»), par le Trio Arte: Maria Iris Radrigan, piano, Sergio Prieto, violon, Edgar Fischer, violoncelle (Gallo 30-436)

Ce trio groupe trois excellents artistes chiliens, mais l'un d'entre eux, Edgar Fischer, a des attaches avec notre pays puisqu'il fut premier pupitre à l'OCL puis à l'OSR. Les deux morceaux réunis ici permettent d'apprécier les belles qualités de cet ensemble: une œuvre de jeunesse, plaisante et enjouée, l'autre de maturité, d'un style chaleureux et profond. L'op. 11 ne cherche qu'à plaire, mais sa simplicité spontanée requiert néanmoins des interprètes beaucoup de netteté dans l'articulation et d'élégance dans le trait. Les trois musiciens y font valoir un jeu clair et nuancé, et ils donnent toute leur mesure dans le célèbre trio «des esprits», surmonté d'un mouvement lent d'une sombre gravité, inspiré par la scène des sorcières de *Macbeth*. Cette page est ici rendue selon une retenue dans l'expression et une concentration fort émouvantes, auxquelles font

pendant les deux mouvements vifs remplis d'élan, d'entrain et d'optimisme. Le dialogue des trois partenaires se déroule avec un brio, et une beauté sonore constants, fruits d'un travail en commun déjà approfondi au cours de quatre années. La prise de son est parfaite, dosant les instruments de manière équilibrée, et la gravure se révèle irréprochable. Une réussite de plus, donc, à l'actif de l'éditeur romand.

J. V.

Ravel: Trio en la mineur — Chausson: Trio op. 3, par le Beaux Arts Trio (Philips 411 141-1)

Le trio de Chausson, une œuvre de jeunesse, fut composé en 1881 sous l'influence du quintette de Franck, créé l'année précédente. Il n'y paraît guère car la personnalité du jeune maître s'affirme déjà avec force, et l'on apprécie notamment qu'il n'abuse pas des chromatismes chers au «Père Franck» et à ses disciples. Sur le plan du métier ce morceau est solidement charpenté, et l'inspiration dénote une veine chaleureuse et de bon aloi, dans un esprit encore romantique. L'interprétation du trio Beaux Arts a tout pour séduire les plus exigeants: qualité de la sonorité, beauté du style, équilibre de l'ensemble. Quant au trio de Ravel, il s'agit d'un chef-d'œuvre consacré dont les musiciens américains réalisent une version sans doute insurpassable; version très fidèle à l'esthétique ravélienne dans la mesure où elle accorde un grand soin au travail de la sonorité et à la mise en place du détail. Tout est admirablement dosé, disposé, construit: du vrai travail d'orfèvre! Ce disque, impeccablement enregistré et gravé, mêle donc le connu au moins connu et bénéficie d'interprètes prestigieux.

J. V.

Fauré: Sonates Nos 1 et 2 pour violoncelle et piano, Sérénade op. 98, Romance op. 69. Rolf Looser, violoncelle, Urs Vægelin, piano (Gallo 30-413)

Les deux sonates pour violoncelle et piano sont d'admirables chefs-d'œuvre de la dernière période de Fauré: elles joignent une grande profondeur d'accent, souvent

Revue Musicale de Suisse Romande 4/85

Daily Telegraph

No. 40,221. LONDON, WEDNESDAY, OCTOBER 10, 1984

Printed in LONDON and MANCHESTER

Trio Arte—Schubert

QUITE APART from the musical intelligence and artistic sensibility which were revealed in the Trio Arte's recital at Wigmore Hall on Monday, there was a characteristic sonority combined with a palpable concentration and communicative intensity which drew us to the music's heart with startling immediacy.

This is a quality to which one responds instinctively, overriding all conscious barriers, and lucky is the ensemble which possesses it. When, as on the present oc-

casión, it is merely the agent for a warm-hearted and originally perceptive interpretative vision, the music making that results is truly impressive.

First, there was an outstanding performance of Schubert's Trio in B flat: eschewing the purely graceful and airy treatment of texture which serves many interpreters, the Trio Arte brought weight and buoyant rhythm to the music, showing us the majesty and structural grandeur, as well as the tender lyricism of the work.

After this marvellous performance, the players brought a superb technical *élan* and expressive elegance to three of Bridge's "Miniatures," (would that they had tackled the magnificent Second Piano Trio) and they closed with a totally committed and intensely dramatic performance of Shostakovich's Trio in E minor: altogether an exceptional evening.

Anthony Payne

THE DAILY TELEGRAPH 10 de Octubre 1984

"... a lo largo de todo el recital reinó una sonoridad característica combinada con gran concentración y una palpable intensidad que nos condujo al corazón de la música con extraordinaria rapidez... extraordinaria interpretación del Trío en Si bemol de Schubert... una velada excepcional..."

ANTHONY PAYNE

29-10-1984
El Mercurio



El Trio Arte está formado por la pianista María Iris Radrigán, el violinista Sergio Prieto y el cellista Edgar Fischer.

Exito Total de Trío Arte en Gira Europea

■ Elogiosas críticas tuvo su actuación en Londres.

El prestigioso Trío Arte de la Universidad Católica viajó a Europa el viernes 5 de octubre en su segunda gira en sólo tres años de existencia.

En su actuación en Londres, la crítica los acogió con un entusiasmo poco usual. El "Daily Telgraph", por ejemplo, acotó: "Mucho más allá de la inteligencia musical y la sensibilidad artística que reveló el Trío Arte en su recital de Wigmore Hall el lunes, hubo allí una sonoridad característica combinada con una concentración palpable y una intensidad comunicativa que nos condujo al corazón mismo de la música con una inmediatez asombrosa. Esta es una cualidad ante la cual uno responde instintivamente, bajando todas las barreras concientes, y afortunado el conjunto que la posee.

Cuando, como en esta ocasión, ella es apenas el vehículo para una interpretación cálida y originalmente per-

ceptiva, la música que resulta de ello es de veras impresionante"

Más adelante se pueden encontrar calificaciones como "actuación sobresaliente", "elán de técnica soberbia" y "velada excepcional"

La gira del Trío Arte comprende —además de Inglaterra— España, Suiza, Alemania e Italia. El calendario de esta *tournee* consulta hasta ahora quince compromisos, los que se pueden entender y las presentaciones del grupo incluyen grabaciones de conciertos para la BBC de Londres; para la Radio Suiza-Italiana, en Lugano, y para la Radio Nacional de España.

En 1983 el Trío Arte realizó una gira por Estados Unidos, Europa y Asia en la que también tuvo un amplio y caluroso respaldo del público y la crítica. Y en julio último, el conjunto de cámara viajó a Perú y Ecuador, siempre bajo el patrocinio del Ministerio de Relaciones Exteriores.

Le Trio Arte du Chili au Théâtre de la Grenette Moment musical d'une éclatante beauté

Un trio chilien d'une déconcertante présence musicale et humaine occupait hier soir le petit plateau du Théâtre de la Grenette à Vevey. Tous trois musiciens réputés, seuls en trio et en orchestre dans leur pays d'origine, le Chili, aux USA comme en Europe, Maria Iris Radrigan, pianiste, Edgar Fischer, violoncelliste et Sergio Prieto violoniste, apportèrent à leurs interprétations de Schubert, Bridge et Chostakovitch une intensité et une force intérieure telles, que l'on eut toute la soirée le sentiment d'assister à de véritables re-créations.

Le Trio en si bémol majeur op. 99 de F. Schubert est animé d'une énergie, d'une fougue par moments héroïque, se tempérant de tendresse, d'élans d'un romantisme velouté que le dialogue des instruments exprime de façon bouleversante. Les motifs que reprennent l'un après l'autre les musiciens avec des variations d'une invention foisonnante, développent toute une gamme de sentiments, de la fougue juvénile et enthousiaste, à la passion dramatique et emportée.

Une pulsation flamboyante

Il y a dans l'andante une esquisse de tzigane d'une grâce exquise, s'insinuant entre des phrases toutes baignées de ferveur grave. Le scherzo, sombrement sculpté de cadences nerveuses, fait place à un rondo traversé d'une pulsation flamboyante, qui caractérise toute l'œuvre.

Les «Miniatures» de Frank Bridge, musicien anglais qui fut le maître de B. Britten, sont de rapides croquis d'un romantisme lyrique très séduisant. Le «Saltarello» rapide, fiévreux, talonné au piano, tourbillonne follement sur le violon, se fraie une voie généreuse, traversée d'éclairs arpegés.

Un combat déchirant

Le Trio de l'op. 67 de Dimitri Chos-

takovitch traduit avec une violence inouïe tout le tragique du combat intérieur d'un artiste déchiré par la vie. Un chant pauvre et lointain, arraché de l'extrême aigu du violoncelle, rejoint par la voix grave du violon et le glas du piano donne le ton de l'œuvre, qui dans son déchaînement même, exprime l'impuissance à affronter le destin. Le halètement des rythmes,

poussant les instruments jusqu'au bout de leurs possibilités, exigeant des musiciens une performance d'athlètes valeureux, déchire l'âme, torture le corps, enfièvre l'esprit du lutteur. L'allegretto final, avec un sarcasme diabolique, emporte désespérément les instruments dans une sorte de chaos harmonique, se concluant sur une absence mortelle. M.S.



Photo Studio Curchod

Le Trio Arte du Chili en concert au Théâtre de la Grenette, Maria Iris Radrigan, pianiste, Edgar Fischer, violoncelliste et Sergio Prieto, violoniste.

24

heures

LE GRAND QUOTIDIEN SUISSE

Le Trio Arte au Théâtre de Poche de la Grenette

Une grandeur toute simple

Dédié à un ami disparu en 1944, d'une densité émotionnelle rarement égalée, le Trio op. 67 de Dimitri Chostakovitch figurait, en compagnie d'œuvres de Schubert et de Frank Bridge, au programme du concert donné jeudi soir à Vevey (Théâtre de Poche de la Grenette) par le Trio Arte, ensemble chilien composé de Maria Iris Radrigan, pianiste, de Sergio Prieto, violoniste et d'Edgar Fischer, violoncelliste.

Plus encore que les épisodes très

contrastés du début, grâce auxquels l'œuvre paraît émerger du néant, prendre forme peu à peu, s'animer jusqu'à la frénésie dans le scherzo, atteindre une intensité poignante dans le largo, c'est le finale du Trio de Chostakovitch qui permet à l'interprétation de ces artistes de revêtir sa pleine signification : grâce à eux, il eut bien l'allure d'une sinistre et grotesque danse macabre, avant de se dissoudre dans des pianissimi apaisés, magnifiquement rendus. Quant

aux funèbres accords du largo, qui réapparaissent dans le finale déjà évoqué, la pianiste les fit retentir comme ceux des « Catacombes » des fameux « Tableaux d'une exposition » de Moussorgski, dédiés eux aussi à un ami perdu.

Sous de tels doigts, la relation entre les deux pages s'imposait soudain avec la force de l'évidence. C'est dire la qualité de cette artiste, qui avait déjà su étager les plans sonores du Trio op. 99 de Franz Schubert avec un art consommé des gradations et des proportions architecturales. L'équilibre des trois instruments dans cette même partition fut d'ailleurs remarquable de bout en bout, dans une conception très classique et

L'EST VAUDOIS

JOURNAL DE MONTREUX FEUILLE D'AVIS D'AIGLE ET COURRIER DE LEYSIN RÉUNIS

Vendredi 2 novembre 1984

Vevey: du superbe Chostakovitch en trio...

Le Trio Arte du Chili nous a laissés, hier soir au Théâtre de poche de la Grenette à Vevey, sur son éblouissant plaidoyer pour l'écriture de Dimitri Chostakovitch, dont la richesse inventive est si manifeste dans l'opus 67. Les trois musiciens chiliens s'y sont livrés pleinement, plongeant

sive dans l'expression, un appui trop manifeste sur les suggestions schubertiennes que l'on peut trouver cette

rasé rigou-
à un mou-
nent écha-

isionnaire,
eu parfois
d'un souf-
me parut
prétation
souvent
eversante.
a musique
niatures »
nâtres de
âle figure.
parfaite-
nt la tran-
on n'en
mance, de
llo, musi-
simples.

es Allaz

L'EST VAUDOIS

EV

JOURNAL DE MONTREUX FEUILLE D'AVIS D'AIGLE ET COURRIER DE LEYSIN RÉUNIS

Vendredi 2 novembre 1984

Vevey: du superbe Chostakovitch en trio...

Le Trio Arte du Chili nous a laissés, hier soir au Théâtre de poche de la Grenette à Vevey, sur son éblouissant plaidoyer pour l'écriture de Dimitri Chostakovitch, dont la richesse inventive est si manifeste dans l'opus 67. Les trois musiciens chiliens s'y sont livrés pleinement, n'ayant cure des quelques chaises vides laissées sous leur nez par les diplomates de leur pays, invités mais absents sans doute retenus dans leurs permanences par les événements de Santiago.

Que de trouvailles chez Chostakovitch, digne successeur de Prokofiev pour le scintillement de l'invention, des alliages harmoniques, de ce langage de contrepoint rythmique qui est parfois le leur. D'emblée l'andante annonce l'éloquence des effets. Et le trio chilien va maîtriser dans cette œuvre toute une succession d'éclairages avec une réussite constante. Sa pianiste, Maria Iriş Radrişan, mesure excellemment son apport, et les archets du violoniste Sergio Prieto comme du violoncelliste Edgar Fischer font merveille par la diversité de leurs pouvoirs techniques, et plus encore par leur commune manière d'exprimer. Le signe ne trompe pas: c'est un ensemble rodé, expérimenté, très cohérent, sinon très fondu.

Une meilleure fusion des sonorités, voilà en tout cas ce qui manquait à l'admirable Trio opus 99, l'un des

deux chefs-d'œuvre du genre composés par Schubert dans ses toutes dernières années. Mais disons vite que la petitesse de la sympathique salle veveysanne a sa part dans cette impression. Le violoncelliste (qui est le frère de la pianiste Edith Fischer) n'a pas failli dans l'intensité du chant grâce auquel son instrument, dans cette œuvre, définit les climats. C'est plutôt pour une sorte de charge exces-

sive dans l'expression, un appui trop manifeste sur les suggestions schubertiennes que l'on peut trouver cette version un rien pesante. Et pourtant intéressante jusque dans le long rondo final ce que tous les ensembles ne réussissent pas toujours.

Trois «Miniatures» de Frank Bridge, compositeur anglais mort en 1941 après avoir eu notamment Benjamin Britten pour élève, servaient de... pont dans le programme. Le Trio Arte a joué Romance, Intermezzo et Saltarello avec un bonheur constant. C'est de la musique anglaise habile et plaisante, pas aussi inventive que du Britten, mais pas tout à fait aussi incolore que du Elgar...

Michel VUILLOMENET

AUS DEM KULTURELLEN LEBEN

Junge Chilenen im Klaviertrio

Triospiele scheinen eine seltenere Spezies von Musikern zu werden, und Klaviertrios sind inzwischen eher Raritäten unter den musikalischen Ensembles im allgemeinen Konzertleben. Aber es tauchen immer wieder, wenn auch sporadisch, neue Formationen auf, die wenigstens dafür sorgen, daß die Standardwerke der Gattung von Generation zu Generation weitergegeben werden. Das **Trio Arte** hat noch keinen weltweiten Ruf erworben, wie etwa die *Beaux Arts* oder die *Herrn aus Triest*. Aber es hat in Bozen schon einmal im kleinen Kreis in einem Sonntagvormittagskonzert ein leises Aufsehen erregt, das auch noch der nunmehr verstorbene Präsident *Walther von Walter* miterlebte; so kamen die drei jungen Chilenen in den Konzertverein. Die Einladung war zumindest angebracht.

Die Eindrücke wurden bestätigt und bekräftigt. Die drei Musiker sind tadellos und gut. **Sergio Prieto**, der Geiger, ist Konzertmeister des Kammerorchesters und Dozent der Hochschule „Universidad de Chile“. Er kommt aus den Meisterschulen des *Yehudi Menuhin* und *Sandor Vegh*. Er intoniert aufs reinste und behält den geigerisch biegsamen und atmenden Ton unter spontan aufmerksamer kammermusikalischer Devise.

Edgar Fischer hatte als Violoncellist des *Fromm-Quartetts* bereits andere kammermusikalische Erfahrungen; zudem wirkt er wie der Geiger als Solist und Dozent an derselben Musikhochschule. Sein Spiel zeichnet sich durch Klarheit der Phrasierung, ausgefeilte Artikulation des Bogens und durch klangliche Integrität aus, die kaum tiefenlastig wirkt.

Die Pianistin **Maria Iris Radrigan** kommt aus Leipziger und Berliner Klavierschulen. Sie bringt das entscheidende Maß an Laune und Lebendigkeit, an Farbigeit ins Spiel, das weniger zur auftrumpfenden Führung als vielmehr zur klanglichen und formalen Integration gedeiht. Die beiden Streicher stehen ihr gegenüber in der dynamischen Dimension überhaupt nie auf gefährdeter oder verllorener Position.

Aus diesem dreigearteten künstlerischen Organismus entbindet sich als Summe eine Trioqualität, die im Ausgleich eines durchsichtig gehellten Klanges und einer leicht markierten temperamentvollen Flüssigkeit, in der wechselseitigen Verständigung bis in *Rubato-Schatten* hinein, in der sorgsam gesteuerten Durchhörbarkeit der Register in Phrasierung und dynamischer Ortung alles ästhetisch Angenehme aufdeckt und alles hektisch Sensationelle oder pompös Zeremonielle der schöpferischen Vorlagen umgeht.

Mit *Verve* und *Elan* gelangte der jugendliche *Beethoven* des heroischen *c-Moll-Trios op. 1/3* so in die eleganten spielerischen Schwungzüge der festlich gestimmten Musizierlust. Elegante die Zeitmaße des „*Allegro con brio*“, die die einheitliche Konstruktion aus Idee und Material betonten, sorgfältig dazu seine formale Aufbereitung in den dialogisierenden thematischen Vertastelungen der Instrumente. Eine etwas gedämpfte lyrische Beseeltheit in den *Cantabile-Variationen*, wieder sorgfältig dosiert die polyphonen Verzahnungen. Eine von perlender Klaviergeläufigkeit im „*Trio*“ überleuchtete *Scherzo* zeigte die Streicher in besonnener kammermusikalischer Partnerschaft auf kantable Spannkraft bedacht. Endlich noch etwas von *Hintersinnigkeit* im Halbdunkel der Nebenmomente, die die Auseinandersetzungen der thematischen Polaritäten des *Prestissimo-Finale* lyrisch aufbrachen.

Das *Brahms-Trio*, *H-Dur*, *opus 8*, im zweiten Konzertteil war dann voller Sinnlichkeit und voller Sinn für den Sextenklang im Streicherpaar. Doch alles blieb unter Kontrolle. Wie der erste Satz sorgsam abgetönt und doch nie ver-

weichlicht Schritt für Schritt, Schwung für Schwung seine Konturen annahm, wie auch das *Espressivo* recht behielt zwischen den Polen mutig riskierter Kraft und sinnvoll dosierter Empfindung, wie die fugenlose Balance der Stimmen und Steigerungen bewahrt blieb, war ein Beispiel dafür, daß aufrichtig auch aufregend werden kann, wenn uneitle, aber einsichtig bewußte Musiker zusammenwirken — bis hin zum *Trio* des „*Scherzo*“, wo eine ganz persönlich ausgelebte musikalische Hörigkeit für Wohlklang und Empfindung kurz alles Rationelle aufzuweichen schien: wie *wienerisch* gelöst. Der *Norddeutsche* hatte sein *Jugendwerk 1890* in seiner Wahlheimat noch einmal überarbeitet!

Karl H. Vigl

„Bravo“ für Beethoven und Brahms

Die kultivierte Art des Musizierens: Das Trio Arte in Grenzach-Wyhlen

Bravorufe, rhythmisches Füßetrampeln, stürmischer Jubel: Wann ist das Konzertpublikum in Grenzach-Wyhlen jemals so aus dem Häuschen geraten? Das Kunststück, die Musikliebhaber der Regio derart aus der Reserve zu locken, brachte das Trio Arte im außerordentlich gut besuchten Haus der Begegnung fertig. Die drei Musiker aus Santiago de Chile, die auf Einladung der Volkshochschule zum Schluß einer Europatournee in der Doppelgemeinde gastierten, hatten ihre unfehlbaren „Zückerchen“ parat: Beethoven und Brahms sind eben klingende Namen im Kammermusikrepertoire!

Auf Klassik und Romantik setzten Geiger Sergio Prieto, ehemaliger Konzertmeister des Radiosymphoniorchesters Basel, Pianistin Maria-Iris Fischer und Cellist Edgar Fischer in ihrem traditionellen Programm. Die unzweifelhaft starken Musikerpersönlichkeiten, die eine distinguierte Trio-Kultur pflegen, begannen den Abend mit Beethovens bedeutendem Klaviertrio op. 1 Nr. 3 in c-Moll. Sie spielten dieses Frühwerk klassizistisch mit unauffälliger Motorik, Transparenz und spielerischer Flüssigkeit. Sie bewahren in ihrem weichen, wohltuend schlichten Vortrag die absolute klassische Klarheit des Musizierens. Dies ist gut so, denn überladene Virtuosität würde dem Stück nicht entgegenkommen.

Das Trio Arte geht mit bewundernswerter Weitsicht und Freiheit ans Werk, demonstriert Musikalität und Geschmack, wobei das Spiel von ästhetischen Momenten bestimmt bleibt. Auffallend bei diesem Beethoven die wunderbar atmende, in sich gerundete Phrasierung der beiden Streicher. Auch im Klavierpart blitzt über weite Strecken ein Brio und selbstverständliche Leichtigkeit auf.

Dann, nach der Pause, eine erneute dankbare Aufgabe für das Trio: In Johannes Brahms Klaviertrio op. 8 H-Dur können die drei Instrumentalisten angesichts dieses melodischen Reichtums ihr Können als Ausdrucksmusiker entfalten. Auch bei Brahms herrscht eine kultivierte, schöne Tonsprache vor. In dieser Interpretation kommt eher der „Klassiker im Zeitalter der Romantik“ zur Geltung als die romantisch-weiche Gefühlswelt des jungen Brahms.

In der Wiedergabe berücksichtigt das Trio die Brahms'sche Interpretationsvorstellung für Kammermusik: In der Frage der Tempi wollte der Komponist seine Musik behutsam und mit innerer Ruhe angegangen wissen. Selbst in den schnellen Sätzen lehnte er Übereilung oder gar Hektik ab. Genauso verstehen es auch die Musiker: Sie legen in das Drängende, das Pathetische eine innere Spannung, die beherrscht und fein klingt. Kantabilität ist ihnen wichtiger als Kontraste. Das Ungestim des Scherzo wird leicht gezähmt, aber schön ausgesungen.

Dieser Brahms spiegelt auch Eigenart und Rang der einzelnen Musi-

ker wider: Streicher sind auf ausgewogene Tongebung und sorgfältige Abstimmung aufeinander bedacht. Sie spielen konzentriert und tonschön, mit geschmeidiger, edler Hand, und erreichen den runden, sattem Klang von Innigkeit und Vornehmheit, der für Brahms' Kammermusik ideal ist. Das Klavier tritt dabei als wesentlicher Intensitätsfaktor dazu, die Pianistin versteht ihre Funktion nicht nur als untermalende Assistenz, sondern als wichtigen Spannungsträger. Für die notwendige Dynamik sorgen in diesem Werk die musikalischen Bögen, die feinfühlig ausgekostet werden.

Dieses 1854 komponierte und fast 40 Jahre später umgearbeitete Klaviertrio verbindet gebändigte Klassizität mit romantischem Schwung. So wird auch die insgesamt ruhige, souveräne musikalische Gestaltung durch das Trio Arte von innerlich erregten, treibenden Passagen aufgebrochen, was dem Konzert eine gewisse Spannung vermittelt.

Wieviel Rasse und Glut noch in ihnen steckt, lassen die Musiker in den beiden Zugaben zünden: darunter ein imposanter, bohrend intensiver, temperamentvoller Satz aus einem Schostakowitsch-Trio. Eine kleine Kostprobe der neueren Musik, die man nur allzugern auch einmal im Hauptteil des Programms hören möchte, wo die Moderne leider allzu oft völlig ausgeklammert wird.

ROSWITHA FREY

4-Dic.-1984

"LAS ULTIMAS NOTICIAS"

Por Europa sonó el trío "Arte"

Elogiosas críticas recogió en su segunda gira por Europa el trío "Arte", de la Universidad Católica. Además, un disco larga duración del "ensemble" quedó a punto de editarse en Suiza, mientras que para el Viejo Mundo y Canadá se grabará una versión de los tríos opus 11 y 70 de Beethoven.

El grupo, auspiciado por el Ministerio de Relaciones Exteriores, está formado por Sergio Prieto, violín, Edgard Fisher, violon-

celo, y María Inés Radrigán, piano. En mes y medio ofrecieron 18 presentaciones en distintas ciudades de Inglaterra, España, Alemania, Suiza e Italia. Aparte de sus presentaciones, grabaron una actuación para la BBC en Bristol, Inglaterra, y en Madrid ofrecieron un concierto directo por Radio Nacional, sólo con música de compositores latinoamericanos. Una singular experiencia, sin público en el estudio, pero aceptando preguntas y comentarios por teléfono.



Trio "Arte".



CRITICA MUSICAL

Éxitos del Trío Arte en Europa

Junto con el regreso a Chile del Trío Arte han llegado nuevas críticas que dan testimonio de sus grandes éxitos en Europa. Al comentario del *Daily Telegraph*, de Londres, reproducido con anterioridad en esta sección, se suma ahora Gillian Lewis, del *Gloucestershire Echo*, quien habla del "soberbio trío chileno".

En la *Feuille d'Avis de Vevey* (Suiza Francesa), M.S. afirma que "María Iris Radrigán (piano), Edgar Fischer (chelo) y Sergio Prieto (violín) aportaron a sus interpretaciones de Schubert, Bridge y Shostakóvich tal intensidad y fuerza interior que, durante toda la velada, tuvimos la sensación de presenciar verdaderas re-creaciones".

Ives Allax, del diario *24*, de Lausanne, dice que "en la entrega de estos artistas, el final del trío de Shostakóvich adquirió su plena significación, transformado gracias a ellos en danza macabra sombría y grotesca, antes de diluirse a través de pianísimos apaciguados. María Iris Radrigán supo escalar los planos sonoros del Trío op. 99, de Schubert, con un arte consumado de matices y proporciones. El equilibrio de los tres instrumentos fue notable del principio al fin, dentro de un concepto muy clásico y noble, controlado por el fraseo riguroso, sin dureza, tendiente a una visión de conjunto sólidamente edificada".

Michel Vuillomenet menciona, en *L'Est Vaudois*, "el deslumbrante alegato del Trío Arte, de Chile, a favor del opus 67 de Shostakóvich. La pianista María Iris Radrigán mide excelentemente su contribución, y los arcos de Sergio Prieto y Edgar Fischer hacen maravillas con la diversidad de su saber técnico y, más aún, su manera mancomunada de expresión".

En el diario *Mittelbayrische Zeitung*, una crónica con la sigla "kjs" relata que "los chilenos se presentaron en Ratisbona (Baviera) con un programa equilibrado. La sobresaliente interpretación del opus 1 N.º 3 de Beethoven y el opus 8 en Si mayor, de Brahms, hicieron de marco al Trío 1982, en un movimiento, del chileno Alejandro Guarello: pieza de música entretenida que, si bien no trae muchas sonoridades novedosas, está sanamente basada en ideas bonitas".

"Ya en su Beethoven inicial, el Trío Arte nos permitió escuchar una labor de equipo admirable. En general, este Beethoven se distinguió por su nobleza de música de cámara. Y con Guarello tuvimos la impresión de que era sencillamente imposible ejecutar un producto sonoro tan complejo mejor que el Trío Arte; es más, casi diríamos que sólo así debería ser tocado. El Trío de Brahms cerró la tarde, causando un efecto similar de naturalidad interpretativa".



INTEGRANTES.— *Los tres integrantes del conjunto que ta hoy a las 19 horas en Viña del Mar: Edgar Fischer, cello; Radrigán, piano, y Sergio Prieto, violín.*

Trío Arte Actúa Hoy En la Sala Cine Arte

El conjunto de la Universidad Católica de Chile lo hace dentro de la Temporada de Conciertos de la UCV, con un programa sobre Beethoven.

Con la presentación del "Trío Arte", de la Universidad Católica de Chile, continúa hoy la Temporada de Conciertos anual organizada por la Oficina de Promoción y Desarrollo de la Universidad Católica de Valparaíso.

El concierto se efectuará a las 19 horas en la sala Cine Arte de Viña del Mar, con una entrada general que tiene un valor de \$ 300, y de \$ 100 para estudiantes.

En la oportunidad, el "Trío Arte" interpretará las siguientes obras de Beethoven:

- Trío OP 1 N° 2 en Sol Mayor.
- Trío OP 11 en Si bemol Mayor.

Segunda parte:

- Catorce variaciones OP 44: Trío OP 70 N° 1 ("De Los Espiritus").

El "Trío Arte" está integrado por Sergio Prieto, en violín; Edgar Fischer, en cello, y Maria Iris Radrigán, en piano. El conjunto se formó en 1981, al incorporarse sus tres integrantes en calidad de profe-

sores, al Instituto de Música de la Universidad Católica de Chile. Músicos de amplia y destacada trayectoria individual, "han demostrado a través de sus interpretaciones un espíritu de grupo perfecto y una técnica intachable", como lo expresara un crítico del "New Yor Times".

Desde su creación el "Trío Arte" ha actuado y ofrecido conciertos educativos en todo Chile. Además ha hecho presentaciones en Brasil, Uruguay, Perú y Estados Unidos. Los tres músicos han realizado dos giras por Europa y una tercera está prevista para marzo de 1986.

En 1983, el "Trío Arte" obtuvo el Premio de la Crítica, distinción que hizo honor a la excelencia alcanzada por estos intérpretes en tan corto tiempo de labor común. El repertorio del grupo comprende las obras clásicas más importantes y un gran número de composiciones de autores latinoamericanos.

Universidad
Católica de
Valparaíso

oficina de promoción
y desarrollo
dirección de extensión
escuela de música

I. Municipalidad
de Viña del Mar

patrocina

 EL MERCURIO

colaboran

 EL MERCURIO

córrora
COMERCIAL S.A. S. R. L.

THE MUSIC GROUP OF LONDON, trío
30 de abril

SYNTAGMA MUSICUM DE LA USACH
11 de mayo

ALVARO GOMEZ,
ROUTA KROUMOVITCH, violines
ELVIRA SAVI, piano
25 de mayo

TRIO ARTE DE LA U.C. DE CHILE
8 de junio, prieto, fisher, radrigán

SEQUENTIA KOLN, alemania federal
18 de junio, trío música medieval

CARROL MC LAUGHLIN, arpa
6 de julio

NIÑOS CANTORES DE VIENA
7 de julio

OSCAR GACITUA, piano
13 de julio

ORQUESTA FILARMONICA,
21 de julio, director juan pablo izquierdo

ORQUESTA MINISTERIO de EDUCACION
10 de agosto, director fernando rosas

LUDGER LOHMANN, órgano
15 agosto, alemania federal

COLLEGIUM VOCALE KOLN
7 de septiembre, alemania

ORQUESTA MINISTERIO de EDUCACION
director fernando rosas, coro de w. aránguiz
14 septiembre, grupo inglés, "the scholars"

CONJUNTO VOCAL de CAMARA de la UCV
concierto de navidad, director jaime donoso
21 de diciembre

CONJUNTO MUSICA ANTIGUA de la UCV
director octavio hasbún

TRIO DE CAMARA DE LA UCV
quesada, donoso, barría

MARIA ANGELICA BELAUSTEGUI
piano

FERNANDO CORTES
piano

diseño cecilia moreau, oficina de promoción y desarrollo UCV

Temporada de
Conciertos
1985

Temporada de
Conciertos
1985



trío arte
de la Universidad
Católica de Chile

Cine Arte de Viña del Mar
Sábado 8 de Junio
19.00 horas

Musik

"CONDOR"

KLAVIERTRIOS UND
SOLOSTUECKE

Im Goethe-Institut begann ein Zyklus des TRIO ARTE, der alle Klaviertrios von Beethoven ausser der Bearbeitung des Septetts, einer frühen Bonner Schöpfung und dem 1812 entstandenen Satz für die zehnjährige Maximiliane Brentano enthält. Pfeiler des ersten Programms waren Opus 1 N° 1 und Op. 70 N° 2, beide in Es-dur. Jedem Werk gingen historisch-analytische Kommentare des Dozenten Carlos Botto voraus. Der Erstling, den Beethoven für würdig hielt, mit Opusnummer unter seinem Namen zu erscheinen, trägt bereits den Stempel des Genies. Das berühmte hiesige, von Sergio Prieto (Geige), Edgar Fischer (Cello) und María Iris Radrigán (Klavier) gebildete Ensemble bewies sein vollendetes Zusammenspiel. Delikat wurde das erste Allegro aufgebaut, ohne dass ungebührlich laute Fortes die dem Jahr 1793 angemessenen Dynamik verzerrt hätten. Unbeschreibliche Schönheit besass die Kantilene der drei Instrumente im Adagio. Präzis wurde der Charakter des Scherzos eingefangen, und im wirbelnden Finalpresto kam eine phänomenale Leistung zustande. Welch ein Unterschied zwischen dieser Komposition und dem Opus 121 A, das 1824 erschien aber gewiss bedeutend früher entstand! Der etwas ironischen Feierlichkeit der Mollleinleitung folgen das Thema "Ich bin der Schneider Kakadu" aus einem 1794 uraufgeführten, später häufig wiederholten Singspiel von Wenzel Müller, zehn Variationen diverser Natur und ein spöttisches Allegro als Coda. Das kuriose Stück unterhält durch den Abwechslungsreichtum seiner Mittel, und auch die Ausführenden schienen sich mit der Lösung der technischen und gestalterischen Probleme gebührend zu amüsieren. Nach der grossen Pause erreichte der Geiger die gleiche volle Höhe wie sein Kollege im 1808 komponierten Opus 70 N° 2, welches so oft zugunsten des N° 1 ungebührlich vernachlässigt wird. Die Wiedergabe des ersten Satzes mit dem nachdenklichen fugierten Poco sostenuto, die C-dur Huldigung an Haydn, das Schubert ankündigende Allegretto ma non troppo und die romantischen Vorahnungen des Finales bestätigten die Qualität des chilenischen Trios. Dem Geist wie den Noten gleichermassen getreu, gestalteten die Spieler famos die Kraft und Spannung des genialen Werks.

El Trío Arte se dedicará, durante tres martes consecutivos, a interpretar a Beethoven en el Goethe.

Ciclo del Trío Arte En el Goethe Institut

- El prestigiado conjunto ofrecerá tres actuaciones a partir de mañana.
- Interpretarán obras para piano, violín y cello, de Beethoven.

Mañana se iniciará en el Goethe Institut un ciclo de presentaciones del Trío Arte, el que se extenderá por tres martes consecutivos.

En esta breve temporada, los integrantes del prestigiado conjunto — Sergio Prieto, violín; Edgar Fischer, cello; y, María Iris Radrigán, en el piano—, abordarán un ciclo completo para piano, violín y cello de Beethoven.

Mañana interpretarán los Tríos op. n° 1 en mi bemol mayor; el op. 121 "Kakadu" en sol mayor; el op. 70 n° 2 en mi bemol mayor.

En el siguiente concierto, el del 11 de junio, tienen programado el op. 1 n°

2 en sol mayor, el op. 11 en si bemol mayor, el op. 70 n° 1 "De los espíritus"; y, catorce variaciones op. 44.

El 18 de junio interpretarán el trío op. 1 n° 3 en do menor; el op. 97 "Archiduque" en si bemol mayor.

Los tres conciertos se iniciarán a las 19 horas. Este ciclo es financiado por la empresa alemana Grünenthal Chilena Ltda., y es la primera vez que el área privada germana se interesa en colaborar con las actividades artísticas del Instituto, lo que ha sido muy bien acogido en el ambiente cultural, por la necesidad que existe de apoyo del sector privado.

(1985)

GRUNENTHAL



TRIO ARTE de la UNIVERSIDAD CATOLICA de CHILE

Sergio Prieto
Edgar Fischer
María Iris Radrigán

4 - 11 y 18 de Junio 1985, 19 hrs.

ALGUNA RESEÑA SOBRE EL TRIO ARTE

EL TRIO ARTE se formó en 1981 al unirse los tres integrantes miembros del Instituto de Música de la Universidad Católica de Chile. Los tres artistas han visitado Europa y poseen, independientemente, un renombrado curriculum como solistas y al realizar un trabajo como Trio han logrado la clave, que no los hace resaltar únicamente como tales, sino por sobre todo con su excelente técnica son portadores del hallazgo de tocar unidos en forma brillante. Así lo mencionó Bernard Holland, en el The New York Times. Después de sus presentaciones en Santiago, anteriores al año 1981, el Trio Arte ha actuado en todas las ciudades de Chile. En Septiembre del mismo año realizan además una gira, por primera vez, a Brasil. Luego en 1982 realizan su debut en Nueva York y Washington con la interpretación de un trio dedicado al joven compositor Alejandro Guarello además de un selecto repertorio internacional. Después de su visita a los Estados Unidos han continuado presentaciones en Inglaterra, Francia, Suiza e Italia. En Suiza, el TRIO ARTE realizó su primera grabación de la obra Op. 11 y del Op. 70 N° 1 del compositor L. Van Beethoven. En 1983 el TRIO realizó una gira a través de Brasil y Uruguay y en 1984 contrajeron múltiples compromisos Europeos. Los integrantes del TRIO ARTE son: SERGIO PRIETO, violin
EDGAR FISCHER, cello
MARIA IRIS RADRIGAN, piano



Obras Principescas

El primer ciclo de conciertos 1985 del Instituto de Música de la Universidad Católica en la Sala Manuel José Irrarrázaval terminó con dos creaciones de Beethoven, ofrecidas por el Trío Arte. Sergio Prieto (violín), Edgar Fischer (chelo) y María Iris Radrigán (piano) corroboraron en esta ocasión sus destacadas dotes, que les han valido el reconocimiento general.

A los veinticuatro, el autor ya se muestra dueño cabal de cualquier recurso en su op.1 N° 3. El Trío Archeduque, compuesto dieciséis años más tarde, apenas lo sobrepasa en maestría. Incluso hay similitudes en los comienzos tranquilos; la oposición de fogsidad y ensueño; los andantes con varia-

ciones y el fantástico carácter individual de las danzas (Menuetto y Scherzo, respectivamente).

Los instrumentistas hicieron una labor excelente con los contrastes y el ejemplar trabajo temático en los movimientos de forma-sonata de la obra primera. Muy orgánicas se presentaron las retardaciones exigidas por la partitura. Matices múltiples tuvo el Andante en Mi bemol; alegría diáfana, el trío del Menuetto; vigor y dulzura, el Prestissimo final.

La interpretación del opus 97 se distinguió por un efluvio notable de sentimiento de humanidad. Dichosos los príncipes Carl von Lichnowsky y Rodolfo de Austria, cuyos nombres sobreviven gracias a las dedicatorias de semejantes páginas.

Con sonoridad y estructuración imaginativas, el Trío Arte renueva el enfoque del célebre trozo. La hondura de las variaciones; la modulación sorpresiva en el último compás y el ataque al garboso final a través de un virtuosismo patente.

Federico Heinlein



CRITICA MUSICAL 6/Dic./85)

Obras del Siglo XX

Una estimulante selección de música del siglo XX ofreció el titular de la Orquesta Filarmónica, Juan Pablo Izquierdo, en el penúltimo programa de abono del Teatro Municipal. A guisa de obertura se escuchó "Giro" (1984), que Alejandro Guarello compuso, durante su perfeccionamiento en Italia, por encargo del Trío Arte.

El título de la partitura deriva del procedimiento, actualmente en boga, de girar alrededor de un material básico. Guarello contrasta contundentes golpes orquestales con el unísono delicado de los solistas: oposición generadora de hallazgos de mucha originalidad, pese a lejanas influencias de Stravinski y Bartok.

Nos habría gustado oír dos veces la fascinante aventura sonora, de parti-

cular magia en el sugerente trozo central. Los miembros del Trío Arte —María Iris Radrigán (piano), Sergio Prieto (violín) y Edgar Fischer (chelo)— se desempeñaron con certidumbre, e Izquierdo ensambló el complejo engranaje como si fuera lo más fácil del mundo. Guarello corroboró, una vez más, su ímpetu juvenil junto a destacadas dotes de colorista y organizador de estructuras.

De la ópera "Wozzeck" (1917-21), de Alban Berg, escuchamos a continuación una escena del primer acto y el principio y final del tercero. Fue una maravilla cómo el director y su conjunto captaron la esencia avasalladoramente emocional de este expresionismo centroeuropeo. Con profunda sensibilidad, Wagner y Schoenberg son llevados por el insigne austríaco, muer-

to hace cincuenta años, a la máxima potencia expresiva en el idioma alucinante de la singular creación.

Izquierdo y la Filarmónica aprovecharon bien las subyugantes ideas tímbricas del compositor (soberbios los solos del concertino Stefan Terc). Con dignidad, la soprano María Elena Guíñez supo entregar su canción de cuna y la lectura de la Biblia. El coro de niños del Colegio Galvarino de San Ramón, adiestrado por Guillermo Cárdenas Dupuy, agregó un acento especialmente conmovedor a la escena final.

Después del intermedio percibimos la inspiración de Bach en la limpidez contrapuntística de Hindemith al oír su sinfonía "Mathis el pintor" (1934), piezas instrumentales de la ópera del mismo nombre. Gozamos una versión clara y precisa del Concerto de Angeles; la simplicidad plañidera del Entierro de Jesús; el dramatismo de las Tentaciones de San Antonio, aquelarre desatado que adquirió visos de pulcritud gracias al control de Izquierdo y la generosa respuesta del conjunto orquestal.

Federico Heinlein



Le Trio Arte au Théâtre de poche de la Grenette, à Vevey **Enchantement d'une musique flamboyante**

Le Trio Arte, du Chili, composé du violoniste Sergio Prieto, du violoncelliste Edgar Fischer, et de la pianiste Maria Iris Radrihan, nous avait, l'an passé déjà, enchantés le temps d'une soirée d'intense émotion musicale. Un public beaucoup trop mince retrouvait ces musiciens chiliens, hier soir, dans ce même Théâtre de poche de la Grenette, à Vevey, pour un concert d'une pureté flamboyante. Il y a dans la musique que nous propose le Trio ce quelque chose de palpitant, de sauvage et d'extrêmement élégant en même temps, que l'on ne rencontre que rarement.

Le Trio op 70 No 2, de Beethoven, a la puissance de l'épopée, le déchaînement farouche, les bourrasques impétueuses et les éclaircies sublimes d'une âme aux prises avec les démons intérieurs. Le son extraordinaire du Trio, sa frénésie éclatante dans la tempête et dans l'allégresse, flamboie dans le premier mouvement, s'emporte avec fougue dans les cadences endiablées de l'allegretto, se drape de tendresse pour mieux exploser dans le final. L'étonnant tumulte d'orage, ou de bataille, qui marque ce mouvement, s'ordonne en traits fulgurants autour d'une tension dramatique croissante.

Les rumeurs de la nuit

Les trois Nocturnes d'Ernest Bloch font surgir des évocations de bruisse-

ments, de frôlements, de stridences d'insectes, de grincements troublants. La nuit, c'est le piano, égrenant le temps où s'inscrivent la voix veloutée et sombre du violoncelle, la véhémence tendre et voluptueuse du violon, et dans le dernier Nocturne, une fantasmagorie grinçante et déchainée.

Une passion haletante

Avec le Trio op 49, de Félix Mendelssohn, on est loin d'une certaine joliesse languide des symphonies ou du

concerto pour violon. C'est ici la passion haletante, tempétueuse, dessinée à grands traits nerveux et brûlants. Le pétilllement du scherzo, d'une jeunesse volubile, la vigueur généreuse et intense du final, en éblouissantes séquences, sont tout simplement somptueux sous les doigts du Trio, rappelé pour une charmante tzigane de Dvorak.

M. S.

● Même concert au Théâtre de poche de la Grenette, à Vevey, ce soir vendredi à 21 h.

Au Théâtre de la Grenette à Vevey

Eblouissant trio chilien

Les chaises du Théâtre de la Grenette, à Vevey, n'étaient pas toutes occupées, jeudi soir, pour le premier concert du trio «Arte» qui vient du Chili. Souhaitons qu'elles l'aient été hier soir (le concert étant redonné), car la qualité des œuvres et des interprètes auraient mérité salle comble!

Maria Iris Radrigan, piano, Sergio Prieto, violon, et Edgar Fischer, violoncelle, sont des musiciens chevronnés et talentueux qui font une brillante carrière dans leur pays et à l'étranger. Le jeu de la pianiste plait par ses coloris et son brio; on est subjugué par le panache et la beauté sonore du violoniste, alors que le violoncelliste n'a pas perdu ses éclatantes qualités quand il était soliste à l'OCL. Ce trio forme un ensemble homogène et soudé, dans une parfaite unité de style et de pensée.

Écrit en 1808, une grande année créatrice pour Beethoven, avec notamment les cinquième et sixième symphonies, le Trio op. 70 No 2 en mi bémol majeur est certes moins célèbre que l'«Archiduc» ou même que celui des «Esprits», mais sa substance, à l'opposé de la «musique de salon», n'en est pas moins riche et dense. Après une introduction méditative, l'allegro non troppo est développé avec fougue et passion, dans une parfaite entente des instruments. Tandis que l'allegretto séduit par son élégance, l'allegretto non troppo qui suit se fait lyrique et expressif, enfin le final est enlevé avec panache et brio.

Musique impressionniste, d'un charme un peu desuet, les Trois Nocturnes d'Ernest Bloch sont une œuvre toutefois fort belle et non dépourvue d'attraits: trois pièces, mystérieuse, lyrique ou animée; interprétation sensible et poétique.

Nous attendions avec impatience le Trio en ré mineur op. 49 de Félix Mendelssohn; notre attente ne fut pas déçue! Le trio «Arte» donna une exécution éblouissante et colorée de ce chef-d'œuvre de la musique de chambre. Dans le premier mouvement, molto allegro et agitato, les instruments, en particulier le violoncelle, admirable, émeuvent profondément par leur beauté sonore et leur chaleur expressive, dans une parfaite concordance de vues. L'andante con moto est un tout grand moment de la musique; le thème mélancolique et serene est exposé limpide par le piano; sublime! Dans le scherzo, c'est encore le piano, volubile, époustoufflant de légèreté et d'aisance qui mène le jeu, bien soutenu par un violon incisif à souhait et par un violoncelle impérial. Le final, passionné, vibrant, intense, d'une écriture riche et complexe, emporte les instruments dans un extraordinaire tourbillon sonore; enthousiasmant!

Chaleureusement applaudis, les interprètes donnent généreusement en bis le dernier mouvement de l'étonnant «Dumky-Trio» de Dvorak.

Jean Cossetto



CRITICA MUSICAL 6/Dic./85)

Obras del Siglo XX

Una estimulante selección de música del siglo XX ofreció el titular de la Orquesta Filarmónica, Juan Pablo Izquierdo, en el penúltimo programa de abono del Teatro Municipal. A guisa de obertura se escuchó "Giro" (1984), que Alejandro Guarello compuso, durante su perfeccionamiento en Italia, por encargo del Trío Arte.

El título de la partitura deriva del procedimiento, actualmente en boga, de girar alrededor de un material básico. Guarello contrasta contundentes golpes orquestales con el unísono delicado de los solistas: oposición generadora de hallazgos de mucha originalidad, pese a lejanas influencias de Stravinski y Bartok.

Nos habría gustado oír dos veces la fascinante aventura sonora, de parti-

cular magia en el sugerente trozo central. Los miembros del Trío Arte —María Iris Radrigán (piano), Sergio Prieto (violín) y Edgar Fischer (chelo)— se desempeñaron con certidumbre, e Izquierdo ensambló el complejo engranaje como si fuera lo más fácil del mundo. Guarello corroboró, una vez más, su ímpetu juvenil junto a destacadas dotes de colorista y organizador de estructuras.

De la ópera "Wozzeck" (1917-21), de Alban Berg, escuchamos a continuación una escena del primer acto y el principio y final del tercero. Fue una maravilla cómo el director y su conjunto captaron la esencia avasalladoramente emocional de este expresionismo centroeuropeo. Con profunda sensibilidad, Wagner y Schoenberg son llevados por el insigne austríaco, muer-

to hace cincuenta años, a la máxima potencia expresiva en el idioma alucinante de la singular creación.

Izquierdo y la Filarmónica aprovecharon bien las subyugantes ideas tímbricas del compositor (soberbios los solos del concertino Stefan Terc). Con dignidad, la soprano María Elena Guíñez supo entregar su canción de cuna y la lectura de la Biblia. El coro de niños del Colegio Galvarino de San Ramón, adiestrado por Guillermo Cárdenas Dupuy, agregó un acento especialmente conmovedor a la escena final.

Después del intermedio percibimos la inspiración de Bach en la limpidez contrapuntística de Hindemith al oír su sinfonía "Mathis el pintor" (1934), piezas instrumentales de la ópera del mismo nombre. Gozamos una versión clara y precisa del Concerto de Angeles; la simplicidad plañidera del Entierro de Jesús; el dramatismo de las Tentaciones de San Antonio, aquelarre desatado que adquirió visos de pulcritud gracias al control de Izquierdo y la generosa respuesta del conjunto orquestal.

Federico Heinlein

JEUDI SOIR A L'HÔTEL DE VILLE

Le Trio Arte de Santiago

SIERRE (bd). – Formé de Sergio Pietro, violon, Edgar Fischer, violoncelle, et Maria Iris Radrigan, piano, le célèbre Trio Arte de Santiago sera l'invité des jeunes musicales sierroises en ce jeudi 20 mars. Orchestre de musique de chambre, ce trio s'était déjà produit à plusieurs reprises dans la région, notamment à Vercorin et à Sierre.

Fondé en 1981, établi à Santiago du Chili, le Trio Arte a aussitôt entrepris régulièrement des tournées à travers le monde. Tous trois enseignants à l'Université catholique de la capitale du Chili, ils sont considérés comme membres de l'un des plus prestigieux et des plus représentatifs trios d'Amérique du Sud.

A leur programme du jeudi 20 mars à Sierre (grande salle de l'Hôtel de Ville à 20 h 30), on découvre, comme lors de leur dernier passage, des œuvres de Beethoven et de Mendelssohn, mais aussi des œuvres de compositeurs contemporains comme Bloch ou Ovaldo Lacerda. Le Trio Arte séjournera ensuite à Vercorin où il n'est pas exclu qu'il donne un nouveau concert.



Le Trio Arte de Santiago du Chili se produira ce jeudi 20 mars dans la grande salle de l'Hôtel de Ville de Sierre, à 20 h 30.



JEUNESSES MUSICALES DE SUISSE

SECTION DE SIERRE

Jeudi 20 mars 1986 à 20 h 30

Hôtel de Ville de Sierre

TRIO ARTE

Sergio Prieto, violon
Edgar Fischer, violoncelle
Maria Iris Radrigan, piano

-
- | | |
|---------------------------------------|--|
| Ludwig van BEEHOVEN | TRIO en mi bémol, Op. 70, No 2
Poco sostenuto - Allegro non troppo
Allegretto
Allegretto ma non troppo
Finale - Allegro |
| Ernest BOLCH
ou
Osvaldo LACERDA | Trois Nocturnes

TRIO (1969) |
| Felix MENDELSSOHN | TRIO Op. 49 en ré mineur
Molto allegro ed agitato
Andante con moto tranquilla
Scherzo - leggero e vivace
Finale - laaegro assai appassionato |

Ce concert est organisé par les Jeunesses Musicales de Sierre
en collaboration avec FONTANY, CENTRE D'ANIMATION ET D'EXPO-
SITION à Vercorin

DOMANI MATTINA AL «MONTEVERDI»

Il Trio Arte

L'esibizione del complesso cileno conclude la stagione dei Concerti del Mattino a Bolzano - Bloch, Beethoven e Mendelssohn gli autori proposti da Sergio Prieto, Edgar Fischer e Maria Iris Radrigan



I componenti il Trio Arte cileno

Domani alle ore 11 avrà luogo presso il Conservatorio «Monteverdi» di Bolzano l'ultimo concerto della stagione dei concerti del mattino. Sarà un complesso cameristico, il «Trio Arte» di Santiago del Cile, a concludere per quest'anno la serie degli appuntamenti domenicali. Il Trio Arte, che torna per la terza stagione consecutiva nella nostra città, ha già riportato unanimi consensi di pubblico e di critica sia ai concerti del mattino che alla società dei concerti ed è composto dal violinista Sergio Prieto, dal violoncellista Edgar Fischer e dalla pianista Maria Iris Radrigan.

Sergio Prieto, ha debuttato come solista all'età di 14 anni. Suoi maestri sono stati Alberto Lysy, Jehudi Menuhin e Sandor Vegh. Nel 1966 ha vinto il primo premio al Concorso internazionale violinistico di Mendoza in Argentina, tenendo poi tournées in tutti i paesi europei, Giappone, Australia e Filippine.

Edgar Fischer è nato a Santiago, entrò fin da giovane a far parte del quartetto Fromm negli USA, con il quale ha tenuto numerosissime tournées. Dopo aver seguito corsi di perfezionamento a Roma ed a Gstaad al Festival Menuhin, ha vinto nel 1967 il Concorso internazionale di violoncello di Ginevra diventando nel 1974 primo violoncello dell'orchestra della Suisse Romande.

Maria Iris Radrigàn è nata a Valparaiso ed ha debuttato all'età di 13 anni come solista con l'orchestra sinfonica nazionale del Cile. Ha vinto diversi concorsi

Il programma del concerto comprende il Trio in mi bemolle maggiore op. 70 n. 2 di Beethoven, i «Tre Nocturnos» di Bloch ed il Trio in re minore op. 49 di Mendelssohn.